

CORREIO REAL 32

Boletim da Causa

Real produzido pela Real Associação de Lisboa

DEZEMBRO 2025



Ensaio

D. Dinis Nos Relatos de Viajantes Estrangeiros a Coimbra

por Carlos Xavier Reis

Dossier

As Infantas de Espanha Princesas do Século XXI



ENTREVISTA

Infante D. Dinis

“Como detentor actual do título de Duque do Porto, pretendo dedicar a minha vida a causas que valham a pena ser apoiadas. Nelas incluo a disponibilidade e o serviço a Portugal”



CAUSA REAL
UM POVO, UMA PÁTRIA, UM REI



Nas próximas semanas a contenda vai agitar-se, a cadeira de Chefe de Estado está a vagar e há que lá sentar uma personalidade que satisfaça uma significativa proporção de portugueses, capazes de o exibir na lapela. A expectativa do regime, uma ilusão benévola, é que no final da contenda todos se sintam representados por essa figura. Evidentemente que tal ensejo é irrealizável, mas todos nós nos conformámos com o circo. No dia seguinte às eleições, os eleitores assistirão a um processo de erosão, de desmistificação do eleito, fenómeno que, basta consultar os jornais, se repete inexoravelmente desde o início desta terceira república. Os crachás cairão das lapelas dos adeptos, mesmo dos mais fervorosos, como folhas secas no Outono.

Mas como podem interessar estes assuntos aparentemente fúteis a um convicto monárquico? Interessam bastante, nem que seja porque as eleições presidenciais são uma oportunidade para dissecar o nosso sistema semipresidencialista, as suas fragilidades e contradições... e trazer para a praça pública outros modelos, vigentes em destinos mais bem-sucedidos.

Acontece que uma sociedade saudável é inevitavelmente conflituosa, competitiva, inquieta, combativa. As disputas emergem a cada momento nas famílias, nas empresas, em qualquer organização social. Aquilo a que chamamos “civilização” é a regulação eficiente dessa conflitualidade e a mitigação dos perigos inerentes aos excessos que essa violência implícita comporta, às vezes com pulsões de morte. É neste âmbito que se compreende a estruturante eficácia dos partidos, que são instrumentos de conquista de poder, um dos mais letais instintos humanos. Por isso, quando vejo

deputados no parlamento à beira do histerismo a esgrimir argumentos, a disparar palavras e frases bombásticas com os seus antagonistas no lugar de espadeiradas ou rajadas de metralhadora, fico contente. As fúrias ficam-se por palavras, e as razões revestem-se em ideais, mais ou menos sofisticados, mais ou menos nobres. Mas no início, lá bem no fundo, está um inevitável instinto guerreiro, uma propensão existencial para o conflito e para a contenda, uma inquietação voraz de poder. É inegável a eficácia das democracias liberais na mitigação destas autofágicas pulsões humanas.

Já não entendo é a necessidade que o chefe máximo da nação participe e provenha desse teatro de guerra.

Somos, como seres humanos, criaturas únicas e irrepetíveis, muito mais do que as nossas crenças e convicções. Por isso é que acredito, que um país antigo como o nosso merecia, no topo da pirâmide do Estado, em contrapeso com a restante arquitectura, uma instituição mais representativa da nossa identidade, mais agregadora,

realmente independente das inevitáveis refregas entre os grupos de interesses e pertenças sectárias. A Pátria em figura humana.

E não me conformo que esta discussão não desponte no espaço público, viciado no degradante circo, na despuorada hipocrisia que consiste na disputa das putativas candidaturas a Presidente da República. Uma tristeza muito grande.

João Távora

Director e presidente da Direcção da Real Associação de Lisboa

“Um país antigo como o nosso merecia, no topo da pirâmide do Estado, em contrapeso com a restante arquitectura, uma instituição mais representativa da nossa identidade, mais agregadora, realmente independente das inevitáveis refregas entre os grupos de interesses e pertenças sectárias.



O CORREIO REAL É O BOLETIM MONÁRQUICO DA CAUSA REAL PRODUZIDO PELA REAL ASSOCIAÇÃO DE LISBOA

Praça Luís de Camões, 46, 2.º Dto.
1200-243 Lisboa

Atendimento de segunda a sexta-feira,
das 14 às 17 horas

Telef: [+351] 21 342 8115/21 342 9702

Email: secretariado@reallisboa.pt

Todos os números do boletim em pdf em:
www.reallisboa.pt

Real Associação de Lisboa



CORREIO REAL

Direcção e coordenação: João Távora

Redacção: João Vacas, António Pinheiro Marques, João Távora, Carlota Cambournac (revisão final)

Design e edição: Ana Olivença

Direcção de Fotografia: Nuno de Albuquerque

Produção: Sinapse Media

Impressão: Nova Gráfica do Cartaxo

1800 exemplares

Isenta de Inscrição na ERC ao abrigo do Decreto Regulamentar 8/99 de 9 de Junho, artigo 12º, nº1, alínea a)



Nuno Pombo
Presidente da Direcção
Nacional da Causa Real



Em Janeiro, os portugueses são chamados de novo às urnas. Desta feita para eleger o Chefe do Estado.

Os candidatos multiplicam-se, os discursos repetem-se e a sensação de que o sistema político está esgotado vai ganhando terreno. Aos aspirantes de nítida filiação partidária vão-se juntando ocasionalmente pretendentes sem essa óbvia procedência. Foi assim em 2011 com Fernando Nobre (14,1%) e em 2016 com Sampaio da Nóvoa (22,9%). Certo é que os presidentes desta 3.^a república foram todos chefes partidários: Mário Soares, Jorge Sampaio, Cavaco Silva e Marcelo Rebelo de Sousa, que o foram antes de serem eleitos, e Ramalho Eanes, depois de deixar o Palácio de Belém. Serve esta lembrança para sublinhar que desde o 25 de Abril, há uma íntima relação entre os partidos e a chefia do Estado, no sentido em que esta parece depender daqueles.

Sem prejuízo do papel que grupos de cidadãos eleitores têm assumido em eleições locais, o nosso sistema democrático assenta nos partidos. Mesmo naqueles que fazem do discurso anti-sistema a sua razão de ser. Não se ignora que os partidos políticos desempenham um papel central na organização e funcionamento da democracia. É na órbita deles que se estrutura o debate político e se agregam interesses sociais diversos. Contudo, o desejável seria que o Chefe do Estado se mostrasse livre dessas amarras.

É costume ouvirmos dizer aos presidentes da República que serão o presidente de todos os portugueses. É uma intenção benigna e seguramente genuína. O problema é que emergem da refrega partidária e o seu mandato resulta, ele próprio, de um embate eleitoral, em que há duas ou mais barricadas e portugueses encarnadamente entrincheirados uns contra os outros. Como

assegurar que o vencedor seja percebido pelos vencidos como seu representante? Como garantir que uma personalidade ilustre de um partido seja reconhecida como árbitro da natural e indispensável luta política? Estas perguntas deixam a descoberto uma realidade indesmentível: é bizarro esperar que as pessoas, de um momento para o outro, passem a ser o que nunca foram. É lírico admitir que um presidente da república arvore uma consensual representatividade quando o seu mandato assenta, bem vista as coisas, tanto na sua vitória como na derrota do adversário. Talvez nem todos se recordem que o presidente da república em funções, em 2021, foi eleito por 2,5 milhões de votantes, num universo de 10,8 milhões de eleitores. E antes disso, em 2016, tinha colhido a preferência de 2,4 milhões de votantes entre 9,7 milhões de eleitores. O presidente da república em exercício foi eleito, nas duas eleições a que se submeteu, por menos de um quarto dos potenciais eleitores. E se compararmos os votos que logrou obter com o universo ainda mais vasto da população portuguesa, em território português e no estrangeiro, teremos percentagens ainda mais insignificantes.

Com isto, note-se, não estou a querer menosprezar a legitimidade democrática. Quero apenas evidenciar que ela não se reduz ao sufrágio directo e universal nem tão-pouco este se pode tomar como panaceia para tudo. Pensemos nas democracias mais robustas da Europa. Nelas é nítido que a Instituição Real, personalizando uma legitimidade histórica, assenta numa legitimidade constitucional e essa, não há dúvidas, é intrinsecamente democrática.

Viva o Rei!
Viva Portugal!



ÍNDICE

4 OPINIÃO E DEBATE

- . Instinto certo, instituição errada | João Vacas
- . A Europa entre a Coroa e a República: uma síntese.
- | Aline Hall de Beuvink

8 ENSAIO

- . Dom Dinis nos Relatos de Viajantes Estrangeiros: Relembrar e Honrar o Rei-Trovador
- | Carlos Xavier Reis

12 ENTREVISTA

- . D. Dinis - Duque do Porto
- | Coordenada por João Távora

18 DOSSIER

- . As Infantas de Espanha - Princesas do Século XXI
- | António Pinheiro Marques

22 NOTICIÁRIO

- . Actividades das Reais Associações
- . A Família Real nas Redes

31 BIBLIOTECA - por Vasco Rosa

- . Amélia: rainha, pintora, mecenas

Instinto certo, instituição errada

JOÃO VACAS

A cada cinco anos, os portugueses são confrontados com a necessidade de escolher um novo ocupante do palácio de Belém. Alguém que, em virtude do sufrágio, se transforma da noite para o dia em supremo magistrado da nação. Para usar a expressão corrente, no “Presidente de todos os portugueses”.

À medida que a terceira República progride, a figura do Chefe de Estado eleito vai revelando as suas limitações, os seus paradoxos e a sua desadequação face àquilo de que verdadeiramente necessita um povo com novecentos anos de história. A presente pré-campanha contribui para o provar.

Esta tem sido marcada pelo aparente confronto entre os valores da experiência política e da independência quanto aos partidos. Este resiste mal à realidade, como o demonstram abundantemente os apoios dos candidatos e os seus contorcionismos discursivos para “captar” mais eleitorado. A suposta rigidez teórica dos pontos de partida - e dos slogans repetidos uma e outra vez - coaduna-se pouco com o marketing que, para ocupar o centro político, reclama “posicionamentos” mais abrangentes. Seja lá isso o que for.

Não valerá a pena perder muito tempo com aqueles que apenas se apresentam para “fixar” eleitorado, incumbidos de fazer prova de vida das agremiações partidárias, mais ou menos agónicas, de que provêm. Têm uma missão a cumprir e ela em nada se relaciona com o propósito da eleição a que dizem concorrer.

Retornando aos que estão na corrida para a ganhar, e o mero facto de a designarmos assim diz muito sobre a sua fugacidade e superficialidade, é evidente que não bastam os valores proclamados ou as competências invocadas para que isso aconteça. A unipessoalidade da função não tem correspondência no processo eleitoral.

Este exige que subjaza a cada candidatura uma “máquina” de pensamento e de execução. Uma teia de produção de mensagens e de promoção de apoios. É inevitável e natural que assim seja porque é assim que a democracia funciona. Nem os mais experientes politicamente se podem dar ao luxo de as dispensar, nem os alegadamente mais independentes da vida partidária têm qualquer hipótese de não depender de estruturas similares às dos partidos de que pretendem demarcar-se.

A história, sobretudo a francesa, está cheia de movimentos partidários que se enraizaram depois de se constituírem para apoiar candidatos à presidência da República e a portuguesa conheceu um partido

que procurou manter vivo o capital político de um Presidente da República depois de este deixar de o ser. O debate entre a experiência e a distância é, por isso, falso e estéril.

Se é verdade que as instituições desta república em que nos calhou viver denotam a usura do tempo e alguma desadequação da sua formatação em relação ao tempo presente, também não o é menos que a presidência da república não pode nem deve constituir-se em foco de contrapoder. O semipresidencialismo confere-lhe uma autoridade própria, mas delimita-lhe a capacidade de acção. São, por isso, dispensáveis aqueles que se apresentam para cavar trincheiras entre Belém e São Bento.

Também o são os “homens providenciais” que ciclicamente surgem na nossa história e que tendem a deixar vazios e a potenciar rupturas depois do seu desaparecimento. A constância e a moderação, a distinção e a serenidade, são valores e atitudes cada vez mais importantes em sociedades algoritmicamente polarizadas e em que o tecido social ameaça rasgar-se por força da simplificação nauseante do debate político e da violência verbal e não-verbal que as redes sociais expõem e propagam quotidianamente.

De que modo pode a chefia do Estado conciliar a experiência e a independência? Através da autoridade verdadeira. Da autoridade em sentido etimológico, que faz remontar o seu poder à origem e à criação da portugalidade: à legitimidade conferida pela história. Mas esta autoridade não se limita ao passado, traduz-se no exercício e recriação permanentes da ligação aos portugueses e às suas vidas, sonhos e anseios quotidianos através da disponibilidade para os servir. Num país com a história, lugar no mundo e o potencial de futuro que Portugal encerra, só a monarquia é capaz de cumprir esta missão.

“A vida do Senhor Dom Duarte Pio é um testemunho quotidiano de dádiva pessoal e da continuidade e imutabilidade do serviço da Casa Real ao povo português”

Daqui e Dali

Como dizia Mouzinho de Albuquerque ao seu Príncipe, D. Luís Filipe, o mesmo que os paladinos da liberdade e em nome dela abateram em 1908 com apenas 20 anos de idade, “para um Príncipe, nascer é assentar praça, que só pode ter baixa para a sepultura!” Do berço à sepultura, uma vida de entrega, de aprendizagem, de serviço.

Nuno Pombo, Palestra no IDL
12.10.2012

A Europa entre a Coroa e a República: uma síntese.

ALINE HALL DE BEUVINK

Da Coroa à crise: porque é que a Europa precisa de redescobrir as suas raízes espirituais e os seus padrões morais? Entre a continuidade monárquica e a fragmentação republicana, decide-se o futuro do nosso continente – e o de Portugal. Compartilho, aqui resumidos, seis pontos nesse sentido.

1. O alicerce da Europa – cristão, não por acaso

A civilização europeia assenta sobre um fundamento ético profundamente cristão. A dignidade da pessoa humana, a liberdade, a solidariedade e a justiça não são meros slogans políticos, mas resultados espirituais da mensagem cristã do Novo Testamento, amadurecidos ao longo de séculos de pensamento, oração e acção. A grande novidade introduzida pelos ensinamentos de Cristo na bacia do Mediterrâneo e no Próximo Oriente Antigo foi exactamente essa: uma leitura misericordiosa da relação com Deus e dos homens entre si, na substituição da lei de Talião ou da vingança, que pautava as culturas mais antigas. A Europa, no fundo, e apesar da sua base greco-romana, vai permitir que os ensinamentos cristãos se enraizem na sua estrutura cultural.

Mesmo com uma participação eleitoral em torno dos 60 por cento e uma distribuição de votos entre 15 e 25 por cento por candidato, o futuro Presidente representará apenas uma fracção – talvez um quinto – dos portugueses.

O Papa Leão XIV advertiu, de forma inequívoca, que quem age verdadeiramente como católico ou cristão não pode ser moralmente selectivo: quem defende a vida não pode, ao mesmo tempo, permitir a sua destruição em outros contextos. A política cristã, recordava o Papa, não pode proclamar a caridade e simultaneamente tolerar a pena de morte, a eutanásia ou o aborto. Esta advertência permanece de uma actualidade impressionante – é um apelo à Europa para que retome a sua responsabilidade espiritual. Quando esquecermos essa vertente, podemos deixar que se instale a instabilidade social, como em algumas partes da Europa se tem vindo a constatar.

2. Coroa e Constituição – o modelo de sucesso das monarquias

O panorama europeu revela um dado notável: países como a Dinamarca, a Suécia, os Países Baixos, a Bélgica, a Espanha ou o Reino Unido – todos

monarquias constitucionais – figuram entre as democracias mais estáveis do mundo. Distinguem-se por elevados níveis de bem-estar, continuidade política e solidez económica.

Tal não se deve à nostalgia do passado, mas a um equilíbrio entre tradição e renovação. O monarca não é um político partidário, mas um referencial moral, um símbolo de unidade nacional. A Coroa não se elege nem se destitui – e precisamente aí reside a sua força: representa a continuidade, o sentido do dever e o serviço ao bem comum.

3. Portugal – 900 anos de história, 115 de inquietação

Portugal, prestes a celebrar nove séculos de existência, conta já 115 anos de experiência republicana – um percurso marcado tanto por progressos como por instabilidade. Da queda da monarquia às ditaduras militares e civis, até às crises económicas contemporâneas, o caminho foi árduo.

Hoje, a fragilidade do sistema volta a manifestar-se no confronto em torno da Presidência da República. A multiplicidade de candidatos reflete menos vitalidade do que fragmentação. Mesmo com uma participação eleitoral em torno dos 60 por cento e uma distribuição de votos entre 15 e 25 por cento por candidato, o futuro Presidente representará apenas uma fracção – talvez um quinto – dos portugueses.

Um chefe de Estado com tal base dificilmente poderá encarnar a unidade moral da Nação. A República tem frequentemente produzido divisão em vez de conciliação, partidos em vez de pátria.

4. Um exemplo moral – Dom Duarte e a voz da responsabilidade

Quem lê atentamente as mensagens e publicações de Sua Alteza Real o Senhor Dom Duarte, Duque de Bragança, reconhece o fio condutor que atravessa o seu pensamento: a preocupação pelo bem-estar de Portugal e pela preservação dos valores cristãos.

Há já várias décadas que Dom Duarte traz Portugal no coração – não como político, mas como autoridade moral e espiritual, símbolo de medida, equilíbrio e continuidade. A sua voz lembra-nos que a verdadeira liderança não se mede pelo volume das palavras, mas pela constância das convicções.

E é precisamente isso que falta às figuras políticas do nosso tempo: uma profunda raiz de fé, de história e de sentido de responsabilidade, capaz de unir e inspirar o país. E nunca é demais sublinhar a forma como é respeitado e considerado, aqui ou no

estrangeiro, como essa sólida figura. Basta para isso atentar às suas viagens a Timor-Leste ou à Hungria, só para citar as mais recentes.

5. As coroas exemplares da Europa

O exemplo do Reino Unido mostra como um monarca pode oferecer estabilidade através do dever e do sacrifício pessoal. O Rei Carlos III, moldado pelo exemplo de sua mãe, coloca o bem do país acima de qualquer interesse pessoal, como se tem verificado na forma como lida com o seu irmão ou na forma como tem mantido afastado o filho mais novo. Da mesma forma, o Rei Filipe VI de Espanha demonstra como é difícil – e simultaneamente essencial – ser, nos dias de hoje, um rei que une em vez de dominar, para além de se esforçar por ser o chefe de Estado mais transparente da Europa.

Mesmo repúblicas como o Egito procuram adornar-se com o esplendor das suas antigas monarquias – sinal de que a história e a simbologia da Coroa continuam

a ser fontes de identidade e de orgulho colectivo. Isso ficou claro na recente inauguração do Grande Museu Egípcio, em que foi inaltecido o passado faraónico monumental, embora os egípcios de hoje não tenham qualquer relação com os daquele tempo, embora se afirmem seus herdeiros.

6. Um apelo ao coração de Portugal

A Europa precisa de redescobrir-se, não de retroceder. E Portugal precisa de relembrar-se, não de se refugiar na nostalgia.

« Não somos uma nação jovem que ainda tem de aprender a democracia; somos um povo antigo que precisa de reencontrar os seus valores. »

O futuro do nosso país dependerá de sabermos estar à altura da nossa História. Não somos uma nação jovem que ainda tem de aprender a democracia; somos um povo antigo que precisa de reencontrar os seus valores.

O coração de Portugal bate monarquicamente, porque anseia por unidade, dignidade e permanência. Que o nosso amado país saiba escutar esta voz que ressoa das profundezas da sua História:

«Viva Portugal – viva o Rei!»

Ofertas de Natal !
Visite-nos em reallisboa.pt



Bloco de notas A5 com Armas Reais gravadas
Oferta de Esferográfica



Copos de Café com Armas Reais



Isqueiro com Armas Reais



Cantil de Bolso com Armas Reais



Garrafa com Armas Reais



As suas compras da forma mais confortável.
Faça a leitura deste Código QR

A Família como foco dos nossos serviços.

MFO Multi-Family Office dedica-se a cada família como um bem precioso. Planeamos e gerimos de forma integrada os vários serviços necessários ao bem-estar da sua Família:

MFO Services: Consultoria, fiscalidade, planeamento e promoção de atos empresariais, governação familiar e serviços de suporte.

MFH Saúde: Prestação de serviços personalizados de natureza médica por corpo clínico próprio.

MFO Seguros: Apoio direto ao cliente na mediação de seguros, assegurando as melhores condições com as mais importantes seguradoras do mercado.

MFO Real Estate: Consultoria, gestão imobiliária, gestão de obras, montagem e gestão de projetos, peritagens, e avaliações de imóveis.

MFO Living: Apoio na integração de famílias em Portugal. Residência fiscal, habitação e apoio administrativo.

Junte o futuro da sua família ao nosso.

www.mfooffice.eu | geral@MFOoffice.eu

Rua Tierno Galvan, nº 10, Torre 3 | Piso 10 | Fração K
Amoreiras | 1070-274 Lisboa | Portugal
+ 351 211 389 398

MF Multi-Family Services, Lda. NIPC: 513704612



MFO | Multi Family Office

D. Dinis nos Relatos de Viajantes Estrangeiros: Relembrar e Honrar o Rei-Trovador

CARLOS XAVIER REIS

“D. Dinis ocupa lugar especialíssimo na história de Portugal”

Henrique Barrilaro Ruas

Introdução

Escrever sobre D. Dinis é, inevitavelmente, abordar o seu papel na criação da primeira escola de cursos superiores (*universitas*) em Portugal.

Por ocasião das comemorações dos 700 anos do falecimento d’El-Rei D. Dinis, desejamos relembrar o seu contributo para a cultura portuguesa, evocando a criação do Estudo Geral através dos relatos de viajantes estrangeiros que visitaram Coimbra e a Universidade fundada por este monarca em finais do século XIII.

Este artigo é baseado no nosso livro “A Universidade de Coimbra e seus Estudantes aos Olhos dos Viajantes Estrangeiros (1581-1879): 298 Anos de Fragmentos Literários”, publicado pela Imprensa da Universidade de Coimbra.

1. Do *Studium Dionisianum* à Universidade de Coimbra

A Universidade de Coimbra é a instituição de ensino superior mais antiga de Portugal e dos países de língua portuguesa, reconhecida como Património Mundial pela UNESCO, em 2013.

Nas palavras de Jaime Cortesão (1884-1960):

“Engana-se quem suponha que as tradições de cultura e poesia de Coimbra nasceram com a Universidade de D. João III ou sequer de D. Dinis. Um século antes que o Estudo Geral passasse temporariamente de Lisboa para Coimbra, já da fecunda escola do Mosteiro de Santa Cruz, no primeiro quartel do século XIII, saíra o primeiro grande representante da cultura e do ambiente espiritual de Coimbra, o primeiro grande português de renome mundial, Fernando de Bulhões, o Santo António de Lisboa e Pádua”.

Percebe-se, pois, como a aurora da cultura lusa se deu muito antes do reinado d’O *Lavrador*. No entanto, a ele se deve a intenção de estabelecer um Estudo Geral em Lisboa, por requerimento de 12 de Novembro de 1288 ao Papa Nicolau IV. Neste documento ficou

explícita não só a vontade régia, mas também o apoio fundamental de diversos clérigos das mais destacadas casas religiosas, que se comprometiam a abrir mão de parte das suas rendas para custear a manutenção dos docentes.

Em 1290, há 735 anos, D. Dinis publicou o chamado *Documento Precioso* (ou *Scientiae thesaurus mirabilis*), fundando a Universidade em Portugal, por vezes denominada de *Studium Dionisianum*. A 9 de Agosto, foi emitida a Bula *De statu Regni Portugalie*, onde foi expressa a autorização do pagamento aos docentes, os privilégios concedidos e as áreas de estudo a implementar. Ao poder militar da Monarquia associava-se também a cultura.

D. Dinis sintetizou, assim, a criação da Universidade que permitiria cultivar: “aquele admirável tesouro de ciência, que, quanto mais se derrama, mais aumenta a sua uberdade, ilumina espiritualmente e temporalmente o Mundo, [...] e também porque, sendo Nós [...] obedecidos de nossos súbditos, a vida destes é, por virtude desta obediência, informada com a ministração da Justiça ensinada por aquela ciência”.

Depois de cinco itinerâncias entre Lisboa e Coimbra, a Universidade protegida por D. Dinis, “Príncipe amante das letras”, segundo João Baptista de Castro (1762), foi fixada definitivamente em Coimbra, em 1537, por ordem de D. João III (1502-1557).

Começou um novo capítulo da história desta instituição que ocupou os Paços Régios. A partir deste momento, Coimbra aumentou de prestígio e atraiu diversos viajantes estrangeiros.

2. D. Dinis nos Relatos de Viagem

Quando faleceu, em 1325, o *Rei-Trovador* deixou um legado que é celebrado, transcorridos sete séculos. Com efeito, a sua ação governativa foi muito elogiada, por portugueses e estrangeiros. Recuperando as palavras de Henrique Barrilaro Ruas:



“De todos os nove reinados da primeira dinastia, é certamente o sexto, o de D. Dinis, o mais representativo. Este rei, personagem humanamente riquíssima, concebe e põe em prática uma política de grandeza nacional, que em vários campos irá preparar um destino universal. [...] o seu longo reinado fora sobretudo uma sábia obra de assimilação e de progresso intelectual e económico, bem servido por estruturas jurídicas e culturais”.

De entre os seus feitos, destaca-se a criação do primeiro Estudo Geral, em Lisboa e, no século XVI, transferido definitivamente para Coimbra. A partir deste momento, foram múltiplos os forasteiros a visitar Coimbra e a Academia, descritas em narrativas mais ou menos extensas.

Da nossa compilação, as notas de viagem da segunda metade do século XVIII e do século XIX são as mais informativas. Detendo-nos apenas em D. Dinis, existem vários relatos onde é enaltecido. Inicialmente, os primeiros pautam-se por uma escrita sucinta e uma apresentação breve de tópicos que não são contextualizados pelo viajante.

Relativamente a D. Dinis, a primeira menção é de Giuseppe Gorani, militar milanês, tendo chegado a Portugal talvez como espião. Deslocou-se a Coimbra entre 1765 e 1767, informando, laconicamente, que a Universidade “foi instituída por D. Dinis em Lisboa e transferida, em 1308, para Coimbra, onde permaneceu”. Faltou indicar que a mesma regressou depois à capital (1338), voltou a Coimbra (1354), foi de novo para Lisboa (1377) e definitivamente instalada na urbe mondegua, em 1537.

Aquando da estada de Gorani, coincidiu a visita do francês Charles Dumouriez, em 1766. Curiosamente, também ele militar e espião, tendo colaborado na Guerra dos Sete Anos. A sua descrição igualmente sumária, indica apenas que Coimbra “é célebre pela sua Universidade, fundada pelo rei D. Dinis”.

Por volta de 1780, surgiu uma narrativa com o nome do Duque du Châtelet, cuja atribuição é duvidosa, sendo talvez obra do Barão de Cormatin. Independentemente da autoria, a Lusa Atenas não ficou ausente das memórias:

“Coimbra, que deve o seu nome à primeira corregedoria, é uma antiga cidade fortificada e considerável: é, de acordo com Plínio, a *Conimbrisca d’Antonin* [Itinerário de Antonino, elaborado por volta do séc. III], construída pelos Romanos 300 anos antes de Jesus Cristo, hoje capital da província. Ela é há muito tempo célebre pela universidade que o rei Dinis I lá fundou em 1290. A sua localização é deliciosa:

forma uma espécie de anfiteatro, no sopé do qual passa o Mondego, que, seis léguas abaixo, vai desaguar no mar”.

Contrastando com os relatos anteriores, são apresentadas mais informações históricas e geográficas, permitindo ter melhor noção do local abordado. Engana-se apenas ao afirmar que o Estudo Geral havia sido instituído em Coimbra e não na capital, de onde foi transferido.

Em 1798, deu-se a visita de Heinrich Friedrich Link,



da Prússia. Erudito das Ciências Naturais, tinha como objetivo estudar a fauna e flora de Portugal. Longe de se deter apenas nestes assuntos, descreveu vários aspetos da vivência lusa. Sobre a ligação do Rei-Trovador à Academia, redigiu o seguinte:

“O mais importante em Coimbra é a Universidade. O rei Dom Dinis fundou-a em Lisboa por volta do ano 1291 [1290], mas transferiu-a para aqui



16 anos mais tarde, posteriormente seria mais uma vez transferida para Lisboa, mas o rei Dom João III trouxe-a de novo para Coimbra em 1537 onde ficou até agora”.

O século XIX foi abundante em crônicas de viagem, ricas em informações, durante as Invasões Napoleônicas e a Guerra Civil. Sobre D. Dinis e a sua ligação à Universidade, verifica-se uma maior preocupação pela história desta casa de ensino e da sua importância nacional e internacional.

Entre 1820 e 1821, Portugal foi visitado por Adriano Balbi, veneziano interessado em geografia. Da sua estada resultou uma monografia que foi além das questões geográficas, destacando Coimbra e a Universidade e traçando brevemente a sua história:

“Este estabelecimento, criado em Lisboa em 1290 pelo rei Dinis, transferido 16 anos depois para Coimbra, foi novamente transferido para Lisboa, onde permaneceu até 1527 [1537], quando João III o estabeleceu novamente em Coimbra, onde permaneceu até agora”.

Impõe-se mencionar José Marugán y Martin, espanhol que escreveu sobre Portugal, baseando-se na obra de Balbi. No entanto, fez modificações e acrescentos, o que reveste o seu livro de maior interesse. Depois de um ensaio memorial do reino, dedicou as seguintes palavras aos principais Monarcas associados à Universidade:

“1279-1325. Dinis. Este grande Rei governa com muita sabedoria e faz florescer a agricultura, o comércio e a navegação. Funda (1290) uma universidade em Lisboa, que transfere depois (1308) para Coimbra. [...] Para aproveitar as vantagens que se ofereciam em tempos de tanta ignorância, Dinis, seguindo o exemplo das demais nações da Europa, fundou a universidade de Lisboa, onde colocou professores que ensinassem o direito romano e o canônico: estudo que fomentaram os seus sucessores e ao qual se deveram os códigos legais que foram aparecendo em várias nações. [...] 1521-1557. João III. [...] reforma a universidade de Coimbra fazendo vir de Paris sábios professores. [...] finalmente mudou para Coimbra a universidade que Dinis tinha fundado em Lisboa”.

Alguns anos depois, em 1827, Portugal foi percorrido



por William Morgan Kinsey. As memórias deste inglês revestem-se de uma veracidade por vezes ausente deste tipo de literatura. Com uma mente aberta, não especulou ou inventou; baseou-se nos conhecimentos recolhidos, que ajudaram a entender o que experienciou.

Sobre Coimbra, a Universidade e D. Dinis, o relato destaca-se pela riqueza de pormenores. Faz uma breve resenha histórica da Academia, nos seus primeiros 247 anos. Destacamos estes parágrafos:

“A universidade de Coimbra foi fundada durante o reinado do soberano patriota Denis, ele próprio não só um devoto patrono da aprendizagem, mas também um poeta vernáculo. A vida deste monarca foi verdadeiramente dedicada ao bem-estar do reino e do povo sobre o qual ele foi destinado

governar; contudo, entre os deveres que essa solicitude lhe impunha, encontrou tempo para cultivar a poesia e para incutir na mente de seus súbditos aquele amor pelo saber e pela ciência de que ele próprio era um devoto admirador.

No ano de 1288 reuniu em Montemor o Novo os superiores dos principais mosteiros e igrejas do reino, a fim de requerer ao Papa Nicolau IV uma permissão especial para a criação de uma universidade em Portugal. Assim, no ano de 1290, foi publicada uma bula para o seu estabelecimento em Lisboa, tendo-se-lhe concedido amplos privilégios. O objetivo do monarca ao instituir em seu reino uma sede fixa de erudição, era remediar o grande inconveniente experimentado por seus súbditos em ter que viajar para o estrangeiro, para aprender com estranhos aquilo em que poderiam ser instruídos em casa.

A universidade tinha sido fundada em Lisboa há dezoito anos, quando Denis, expondo ao Papa Clemente V as numerosas desavenças e contendas que surgiam entre os habitantes e os estudantes, sugeriu que a cidade de Coimbra, pela sua deliciosa situação e pela exuberância dos seus arredores, donde abundantes suprimentos podiam ser retirados, como também por estar situada no centro do reino, apresentava um lugar preferível para sede de uma universidade. Clemente, admitindo prontamente a sugestão do soberano Português,

ordenou a publicação de uma bula, em 1308, para a efetivar; e ao mesmo tempo apropriou-se, para sustento da universidade e de seus professores, das rendas de seis igrejas, que suprimiu.

Os alunos de Lisboa eram instruídos em direito civil e canônico, lógica, gramática, medicina e música. A religião estava confinada aos cuidados dos conventos, onde os estudantes eram recebidos e educados. As línguas Hebraica e Grega e as matemáticas ainda não haviam sido introduzidas entre os alunos da universidade”.

Kinsey narrou a visita ao Paço das Escolas e oferece uma descrição da Sala Grande dos Atos, onde o Rei é, novamente, destacado:

“No grande salão, onde o exame público e as defesas são realizadas, [...] existe uma coleção completa de retratos dos soberanos Portugueses [excluindo a Dinastia de Habsburgo], incluindo o do patriota Rei Denis, que transferiu para cá a universidade, em 1308, de Lisboa, onde a fundou originalmente”.

Em 1842, é a vez de Portugal e da Universidade serem visitados por Felix Lichnowsky.

No que a Coimbra concerne, o autor mencionou o Palácio da Universidade, percorrendo sobre factos históricos, geográficos e urbanísticos. Recorda também D. Dinis, sumariando o percurso da Academia em algumas linhas que enfatizam os três governantes que mais moldaram o destino da Lusa Atenas:

“A universidade foi criada em Lisboa no ano 1291 [1290], pelo rei D. Dinis, porém, dezasseis anos depois foi pelo mesmo rei transferida para Coimbra; tempos depois veio de novo para Lisboa, e em 1537 D. João III colocou-a definitivamente em Coimbra e deu-lhe uma nova organização, que persistiu até ao tempo do marquês de Pombal”.

Em 1843 chega o londrino William Henry Giles Kingston. Pertencente a uma família ligada ao vinho do Porto, passou a infância entre Inglaterra e Portugal. Estudou no Trinity College e mudou-se para o Douro, onde trabalhou na casa comercial vinícola do pai.

O seu relato foi publicado em 1845 e é o último, dos que compilámos, onde é referido o Rei-Trovador:

“A última linha refere-se ao bom Rei Dinis, um dos primeiros monarcas de Portugal que, em 1306 [1308], instituiu a Universidade de Coimbra. A Universidade foi mudada uma ou duas vezes para Lisboa, passando por muitas vicissitudes até à ascensão do Marquês de Pombal ao poder”.

Notas Finais

D. Dinis é celebrado, independentemente da época, estando sempre ligado ao ensino superior em Portugal e, portanto, à Universidade de Coimbra que, neste ano, celebra o seu 735º aniversário.

Concluindo, relembramos Manuel Pinheiro Chagas (1842-1895):

“De todos os melhoramentos empreendidos por D. Diniz, de todos os progressos em que iniciou Portugal, aquelle que decerto lhe dá maior honra é o da fundação da universidade [...]. Nenhum rei antes d'elle se preocupára da sorte dos estudos em Portugal; as universidades de Affonso Henriques e de Sancho I eram os campos de batalha [...]. Estava reservado ao neto de Affonso o Sabio, do homem que também em Castella deu grande desenvolvimento aos estudos, fazer entrar Portugal na senda da civilização [...]. O seu alto espirito estava ao nível dos mais esclarecidos espiritos da sua época, e bem percebia que ia principiar uma nova era para as nações [...].

Quem hoje fôr a Coimbra, e, entrando no vasto pateo da universidade, vindo de um lado a via latina, do outro a escada de Minerva, nomes que lembram ainda a sciencia dogmatica dos seculos passados, pensar nas gerações de homens illustres que alli se succederam, não póde deixar de abençoar a memoria d'el-rei D. Diniz, que quando no seu tempo estavam os bons estudos encerrados no recinto dos mosteiros e das cathedraes, deu á sciencia maior liberdade e desafogo, semi-secularizou-a quasi, e, fundando a universidade, lançou as bases de uma instituição, que foi de futuro de tanta honra e proveito para Portugal”.



Nota Biográfica

Carlos Xavier Reis é licenciado em História da Arte (2015) e mestre em Arte e Património (2017) pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, encontrando-se a desenvolver a candidatura a doutoramento na mesma instituição. Autor do livro “A Universidade de Coimbra e seus Estudantes aos Olhos dos Viajantes Estrangeiros (1581-1879)”, publicado pela Imprensa da Universidade de Coimbra, em 2024. Atualmente dedica-se ao estudo da Idade Moderna e da Idade Contemporânea, com um foco particular na intersecção entre arte, história e literatura. Além disso, tem um interesse especial pela história e cultura do Oriente, especialmente da China e da sua relação multissecular com Portugal. Este é um tema que espera desenvolver no futuro, através de investigações sobre objetos e coleções menos conhecidos.

ENTREVISTA A

D. Dinis Duque do Porto

Entrevista coordenada
por João Távora

Como detentor actual do título de Duque do Porto, pretendo dedicar a minha vida a causas que valham a pena ser apoiadas. Nelas incluo a disponibilidade e o serviço a Portugal

É só ir para fora de Portugal e, de repente, cada um de nós, como turista, estudante ou trabalhador, sente inconscientemente uma responsabilidade: tudo o que fazamos irá influenciar a visão que o mundo tem de nós e do nosso país.

Cinco anos depois da primeira entrevista ao Correio Real, viemos encontrar SA Dom Dinis de Santa Maria, Infante de Portugal e Duque do Porto, em Milão, a fazer um programa Erasmus, no âmbito da frequência dum curso de Relações Internacionais e Estudos Políticos. Duque do Porto é um título nobiliárquico reservado ao 2º filho varão do Duque de Bragança. Explica-nos que este título voltará para o 2º filho do meu irmão Afonso, não se isentando de afirmar que “como detentor actual do título, pretendo dedicar a minha vida a causas que valem a pena ser apoiadas. Nelas incluo a disponibilidade e o serviço a Portugal.”

Como está a correr a experiência Erasmus em Milão?

Felizmente, está tudo a correr bem, mas confesso que tenho saudades de Portugal. Há certas alturas, quando me sinto com mais saudades, oiço fados ou cantares alentejanos.

Milão, de qualquer forma, além de ser uma cidade dinâmica e aberta, tem um importante peso histórico, cultural e artístico. E também uma cidade onde muitos jovens italianos vêm procurar trabalho. Tive sorte de já ter amigos em Milão antes de aqui chegar, que me ajudaram a adaptar-me e a integrar-me.

Sabendo que voltarei a Portugal daqui a uns meses, tenciono aproveitar ao máximo a minha estadia em Milão e em Itália.

Como perspectiva Portugal visto do centro da Europa?

Estando fora de Portugal durante algum tempo (antes de vir para Milão, vivi quatro anos na Bélgica), a distância ajudou-me a perceber a vantagem geográfica relativamente à nossa defesa nacional.

Quando nós, em família, fomos visitar a Hungria para celebrar o dia nacional Húngaro (dia 20 de Agosto), no dia seguinte a Rússia tinha atacado Mukachevo, uma cidade ucraniana que fica a uns 30 quilómetros da fronteira com a Hungria.

Ouvindo testemunhos e receios de amigos da Europa do Leste, considero que temos muita sorte, considerando que a possibilidade de Portugal ser alvo de ataques é, no mínimo, geograficamente improvável.

Que característica mais gosta nos portugueses e de Portugal?

Já ouvi várias vezes, grande parte vindo de Portugueses, a crítica que somos muito sentimentais. Eu cada vez mais valorizo esta nossa característica. Nós somos um povo que sente; que exprime o que sente. Num mundo cada vez mais dominado por novas tecnologias, como a Inteligência Artificial que é utilizada com maior frequência como instrumento de redacção pessoal, o nosso “defeito” poderá tornar-se a nossa melhor qualidade.

Ser “sentimental” também significa ter empatia, de ver o outro como alguém que merece respeito, de ver

a vida humana com a sua dignidade. É ter atenção especial para com quem estamos. É por alguma razão que somos sempre considerados pelos turistas como bons acolhedores. De repente, não me parece assim tão mal ser sentimental numa realidade onde passamos mais tempo a ver pessoas através de ecrãs ou até simplesmente como números.



Este ano celebram-se os 700 anos da morte do Rei Dom Dinis e o Correio Real publica um ensaio sobre essa nossa grande figura histórica, cognominado como o “Rei Lavrador” e o “Rei Trovador”. De que forma o inspira esta coincidência?

Dom Dinis foi uma figura impressionante na história de Portugal. O legado do nosso “plantador de naus a haver” manifesta-se em áreas como a cultura, economia, literatura, agricultura e a educação. Ele foi um monarca claramente visionário.

Partilhar o nome com alguém que contribuiu tanto para o desenvolvimento do nosso país é, de certa maneira, um motivo de reflexão e inspiração. Lembra-me da importância de agir com propósito, de procurar equilibrar razão e sensibilidade, e de contribuir, à minha escala, para algo que possa ter um impacto positivo e duradouro.

O multiculturalismo implantado na Europa e a globalização são uma ameaça à identidade das velhas Nações?

O multiculturalismo e a globalização são fenómenos complexos que, mais do que ameaçar, desafiam as velhas nações europeias a repensar o modo como entendem a sua identidade.

A identidade nacional constrói-se ao longo de séculos, através de tradições, línguas, valores e símbolos que dão sentido de pertença. Quando esse

património é confrontado com novas culturas e modos de vida, a reacção instintiva é a de defesa. É natural que surja a percepção de ameaça.

No entanto, a verdadeira força das nações reside precisamente na sua capacidade de se adaptar sem perder a sua essência. O que hoje chamamos de multiculturalismo é, em certo sentido, uma continuidade da dinâmica europeia de troca e partilha de ideias, produtos e arte.

O desafio está em encontrar o equilíbrio: preservar o que nos define enquanto comunidade histórica e cultural, mas sem fechar portas ao diálogo. Quando bem gerida, a globalização pode enriquecer as nações. Afinal de contas, foi assim que Portugal se enriqueceu. Portugal, de certa forma, foi a primeira aldeia global.

Qual o papel das Famílias Reais, reinantes e não reinantes, na coesão desses países?

Houve um político americano que disse “Qualquer idiota pode destruir um celeiro. Mas é preciso um bom carpinteiro para o construir.”

Eu acho que o papel de qualquer Família Real é de puxar o país para cima, o máximo que pode, da melhor maneira que consegue. Cada família tem a sua origem, cada nação tem a sua história. Haverá sempre agentes que, em má-fé e por interesses egoístas, preferem destruir o legado do seu país. Mas devemos lutar, não só para o preservar, como também para construir e desenvolver o que nos foi transmitido.

As Famílias Reais são uma mais-valia que se deve aproveitar. É uma ligação viva e genuína da continuação das tradições, cultura e valores de um povo. Com ou sem reconhecimento de governos, as Famílias Reais devem sempre servir o país o

melhor que podem e estarem prontas para assumir quaisquer responsabilidades que lhes forem pedidas, começando por serem bons exemplos de família.

Como vê o papel da sua geração dentro da Casa Real Portuguesa, numa sociedade em que a monarquia não é sistema de governo?

Grande parte das discussões que oiço sobre as Famílias Reais costumam ser do género: “Por que é que ainda temos um rei ou uma rainha?” (nos países onde a monarquia existe) ou “Porque é que lhes damos importância?” (nos países onde já não existe um sistema monárquico). Se virmos com atenção, a posição monárquica está quase sempre numa postura defensiva. A certa altura, fico farto de tentar justificar a nossa existência.

Estamos sempre disponíveis e profundamente gratos quando o governo português reconhece os esforços e os serviços que, enquanto família, prestamos a Portugal e continuamos abertos à possibilidade de aprofundar essa relação.

Contudo, a Família Real não é (nem deve ser) um peão em disputas partidárias; a Família é para todos os portugueses. Vejo os meus irmãos e a mim mesmo a continuar aquilo que sabemos fazer: promover Portugal, dentro e fora do país. E fazê-lo sem escrúpulos. Se pudermos contar com o apoio do governo, melhor. Se não, continuaremos, como sempre, a fazê-lo por vontade própria.

Quais são os valores ou ideias da família real que gostaria de preservar ou reforçar nos próximos anos?

Acima de tudo não nos podemos esquecer que Portugal é terra de Nossa Senhora. Mesmo numa posição não religiosa, esta responsabilidade diz-nos que não nos podemos fazer mais pequenos do que somos.

Nós portugueses temos a tendência de valorizar o que é dos outros de forma mais elevada do que o que é nosso. Não somos inferiores aos outros países e temos muito para dar. Tendo isto em conta, gostaria de reforçar uma visão mais introspectiva sobre Portugal. Isto é, de reconhecer o que Portugal tem de bom e promovê-lo com o respeito e admiração que merece.

Que desafios sente hoje sendo membro de uma dinastia histórica, tanto em termos de imagem pública como de expectativas pessoais?

Crescer a ouvir as histórias da minha família e a contemplar os retratos dos meus antepassados enchia-me de pressão e de expectativas. Pensava muitas vezes: “Como poderei, algum dia, estar à altura dos nossos grandes heróis?”

Com o tempo, percebi que aqueles que verdadeiramente marcaram a história não se deixaram paralisar pelas opiniões dos outros. Edmund Burke disse: “Ninguém cometeu um maior erro do que aquele que nada fez por achar que só podia fazer pouco.”

“Já ouvi várias vezes, grande parte vindo de Portugueses, a crítica que somos muito sentimentais. Eu cada vez mais valorizo esta nossa característica.”



Foto © Homem Cardoso



PORTUGAL FAZ BEM

Promovido pela Fundação Gaudium Magnum — Maria e João Cortez de Lobão — em colaboração com o Museu Nacional da Música e a Fondazione Pietà de' Turchini (Nápoles), A Bússola Barroca é um projecto dedicado à redescoberta e gravação de obras musicais inéditas do Barroco português.

Centrado em Carlos Seixas (1704–1742), o projecto revive o universo sonoro da época através de instrumentos históricos, incluindo o cravo do século XVIII de Joaquim José Antunes, um Tesouro Nacional.

No Palácio Nacional de Mafra e na Chiesa di Santa Caterina de Siena, em Nápoles, houve concertos de Béatrice Martin com apresentações de contextualização histórica.

Em diálogo com Seixas, o programa integrou obras de Alessandro e Domenico Scarlatti, bem como uma criação moderna de António Pinho Vargas, que estabelece uma ligação entre o legado barroco e a contemporaneidade.

Entre Portugal e Itália, A Bússola Barroca abre caminho a uma viagem musical que celebra o património, o diálogo e a criação.

info@gaudiummagnum.org
+351 218 075 070
Rua de São Bernardo, 31 R/C
1200-823 Lisboa

FUNDAÇÃO
 **gaudium
magnum**
MARIA E JOÃO CORTEZ DE LOBÃO

Hoje, as minhas expectativas resumem-se a fazer o melhor que posso, independentemente de ser muito ou pouco. O tempo dirá o valor do que faço, mas não deixarei que as expectativas dos outros ditem o meu caminho

Qual foi o momento mais significativo ou memorável para si, relativo ao papel da família real nos últimos anos?

Definitivamente o casamento da minha irmã. Para além de ser um dia muito especial, pessoalmente para todos nós como família, sentimo-nos todos incrivelmente gratos pelo apoio e votos de felicidade vindo dos Portugueses.

Mais tarde fiquei a saber que a certa altura havia cerca de 1 milhão de telespectadores a ver o casamento através da TVI. Essa estatística impressionou-me e confirmou-me que uma grande porção de portugueses estão interessados na Família Real ou até que apreciam a existência de uma Família Real em Portugal.

A lusofonia é, aos dias de hoje, uma comunidade cultural que reúne cerca de 300 M de almas. Que papel poderá assumir a Família Real Portuguesa na consolidação dessa identidade?

Eu acho que não há melhor exemplo do que o trabalho que o meu pai fez durante toda a sua vida e que continua a fazer com a mesma paixão de sempre. O meu pai sempre defendeu o mundo lusófono, mesmo quando muitos gozavam das suas convicções.

A meu ver, o papel que a Família Real Portuguesa tem é de continuar a fomentar e promover os laços que unem todas as comunidades com raízes portuguesas. E fazê-lo com brio.

A Família Real deve ser um instrumento de continuação do legado Português. É exactamente isto que vi o meu pai a fazer toda a sua vida e é exactamente a isso que os meus irmãos e eu tencionamos dedicar-nos.

A Inteligência Artificial é considerada por muitos um acelerador da produtividade e mitigador das desigualdades, tanto no mundo académico quanto empresarial. Qual a sua opinião sobre o tema?

Com 26 anos, já me sinto ultrapassado pela tecnologia. Ando pouco a pouco a tornar-me cada vez mais num ludita. Ao mesmo tempo, reconheço a utilidade e a inevitabilidade que são os desenvolvimentos tecnológicos. Pessoalmente, não gosto da ideia de utilizar Inteligência Artificial, mas compreendo e não julgo de forma nenhuma as pessoas que aproveitam os instrumentos que estão disponíveis.

No entanto, acho que todos deviam ter atenção de uma certa confusão que se costuma fazer. Actualmente, a Inteligência Artificial possui imenso conhecimento, mas não tem um bom nível de compreensão. Ou seja, ela é boa para despejar informação e recolher dados já existentes, mas não consegue explicar os métodos, processar e analisar essa mesma informação ou até fazer conexões dos factos com a vida real, que está sempre em constante alteração. É aí que nos damos conta do lado artificial da “Inteligência Artificial”.

É bem possível que isso mude no futuro, mas por enquanto esta é a minha impressão sobre o tema.

“A meu ver, o papel que a Família Real Portuguesa tem é de continuar a fomentar e promover os laços que unem todas as comunidades com raízes portuguesas. E fazê-lo com brio.”

Tem um projecto pessoal ou profissional em que está a trabalhar e que queira partilhar?

Por enquanto, nada de concreto que ache importante partilhar. Comecei a escrever pequenos textos, mas nada substancial. Talvez um dia possa publicar algo escrito. Teria imenso gosto de algum dia partilhar as minhas ideias mais absurdas e criativas.

Foi nomeado como Chanceler da Real Ordem de São Miguel Arcanjo. Quer falar-nos da sua intervenção e do papel da Ordem? Qual é o seu papel na divulgação dos nossos valores?

Consta por tradição que a Ordem de São Miguel Arcanjo foi fundada por Afonso Henriques em 1147 e tem como missão apoiar o chefe da Casa Real Portuguesa. Hoje em dia, a Ordem está presente em 12 dioceses no mundo.

O meu pai deu-me a honra e a missão de servi-lo como Chanceler da Ordem. Nós focamo-nos em apoiar obras humanitárias pelo mundo fora. Actualmente, estamos a ajudar de forma contínua principalmente duas causas: apoiamos um orfanato em São Tomé e Príncipe chamado “Casa dos Pequenininhos” e também apoiamos uma casa para 200 pessoas na Ucrânia que serve para hospedar refugiados que querem mais tarde apanhar transportes para a Polónia e para a Hungria.

Estas são as nossas maiores iniciativas nesta altura, mas esperamos conseguir expandir as nossas causas humanitárias pelo mundo fora. Internacionalmente, há várias dioceses que são excelentes pontos de contacto para conseguirmos ajudar efectivamente quem precisa.

Como Chanceler, o meu papel é de apoiar o Chefe da Casa Real Portuguesa com as suas iniciativas caritativas e de preservar a eficácia e a fraternidade entre os Irmãos da Ordem para melhor servir a Deus e à Casa Real.



Com o Padre João Seabra

Foi recebido em audiência, em conjunto com o seu pai, pelo Papa Leão XIV. Quer contar-nos essa experiência?

Claro! O meu pai e eu fomos para uma audiência pública, juntamente com membros da Ordem de São Miguel Arcanjo para oferecer ao Papa o símbolo da nossa Ordem.

No que diz respeito à minha impressão do Papa Leão XIV, achei-o calmo, resguardado, mas confiante. Muito diplomático e simpático. Como católico, acredito e espero que ele possa ser um bom líder e guia.

Cinco músicas da sua actual playlist?

Entre dos Aguas, Paco de Lucía

Construção, Chico Buarque

Pas de deux (do Quebra Nozes), Tchaikovsky

II. Adagio, Edvard Grieg

Quarteto de cordas No.14, Beethoven

“Desde criança, cresci sempre com a ideia de que estou a representar algo. Quer seja a família, Portugal, uma universidade ou empresa.”

Recentemente, por nenhuma razão em particular, oiço mais música clássica e estou a gostar imenso.

Qual o seu desporto favorito? Pratica algum desporto?

Eu tenho uma relação amor - ódio com o golfe: Eu gosto imenso de jogar golfe mas o golfe não gosta nada de mim... A Taça Duque do Porto, um torneio anual para golfistas amadores, é sempre uma grande motivação para treinar, mas acabo sempre próximo dos últimos lugares. Espero que com o passar do tempo, possa melhorar o meu resultado. Para quem estiver a ler esta entrevista e gosta de jogar golfe, fica aqui o desafio de se juntarem ao próximo torneio em 2026. Dá-me sempre um enorme gosto em participar e de me encontrar com cada um dos jogadores.

Além disso, estou a voltar a jogar ténis e sempre gostei de jogar xadrez (no entanto talvez o xadrez conte mais como um jogo do que um desporto). Teria imenso gosto em praticar esgrima, mas cada um só tem 24 horas por dia e não sei por onde começar a procurar.

Qual foi o último filme que viu no cinema?

Uma das minhas grandes penas é já não ir ao cinema como antes. Eu acho que o último filme que vi no cinema foi Dune 2 há um ano e meio. Mas mais recentemente vi um filme russo de 2006 muito impressionante chamado “A Ilha” (ОТРОК, em russo). É um filme fortíssimo, profundo e bonito. O engraçado é que no início até o achei um pouco deprimente, mas mais tarde um amigo russo explicou-me: “Dinis, o filme não é suposto ser deprimente. É simplesmente um filme russo. Eles são assim.” Depois deste comentário, comecei a apreciar o filme mais e a reconhecer melhor a sua arte.

Além de filmes, ultimamente fiquei apaixonado por uma série/documentário de Kenneth Clark chamado “Civilisation”. Para quem gosta de arte, cultura e história europeia não podia recomendá-la o suficiente.



A Juventude Monárquica Portuguesa conta com vários jovens da Sua idade. Pedimos-lhe que lhes endereça uma mensagem especial.

Quero agradecer o vosso apoio. Sei que é preciso coragem de defender os nossos valores e ideais, especialmente quando se arrisca ser criticado.

Por experiência própria, sempre que eu vivi de acordo com os princípios monárquicos, senti que as pessoas passavam a respeitar-nos mais e ficavam curiosas em saber mais sobre a monarquia.

Se não formos nós a dar o exemplo ou a defender com coragem o que acreditamos, ninguém vai ficar convencido a juntar-se a nós.

Tenho muita pena que não poder estar presente no Jantar de Conjurados este ano, mas saúdo-vos a todos daqui de Itália, a “Bota Europeia”.

Qual o papel que assume e que gostaria de assumir na Casa Real Portuguesa? Em que áreas gostaria de concentrar o seu empenho público, por exemplo: cultura, educação, ambiente, serviço social?

Eu acho que através da minha formação, das minhas experiências académicas e profissionais, desenvolvi um grande interesse para o sector diplomático.

Desde criança, cresci sempre com a ideia de que estou a representar algo. Quer seja a família, Portugal, uma universidade ou empresa. Acredito que todos nós, mesmo se não o pensamos no momento, estamos sempre a representar algo ou alguém.

É só ir para fora de Portugal e, de repente, cada um de nós, como turista, estudante ou trabalhador, sente inconscientemente uma responsabilidade: tudo o que fazamos irá influenciar a visão que o mundo tem de nós e do nosso país.

Eu não consigo dizer com clareza absoluta quais serão exactamente as minhas funções futuras. Prefiro focar-me no que posso fazer no presente, com as responsabilidades e deveres que possuo, e em ficar sempre atento a novas oportunidades que possam engrandecer a Casa Real Portuguesa. É esse o papel que assumi e que quero continuar a abraçar. •

AS INFANTAS DE ESPANHA

POR ANTÓNIO

Preocupação comum aos vários reinos europeus, a formação dos príncipes foi mudando com o tempo, adaptando-se à evolução política e às exigências das novas sociedades.

A chegada da Infanta Sofia de Espanha a Lisboa, em setembro de 2025, para iniciar estudos universitários, renovou uma compreensível curiosidade sobre a formação tanto de Sofia como da sua irmã, Leonor.

Certamente que a preparação dos governantes tem origens bem remotas, patentes nas antigas civilizações à volta do Mediterrâneo, de que são exemplos a “literatura de sabedoria” e as admoestações sobre bom comportamento, os textos egípcios de carácter didático – os “sabayat” -, alguns escritos por vizires. Sempre no Mediterrâneo, temos a literatura sapiencial hebraica e os pensadores do mundo greco-romano, com textos sobre as obrigações morais, bem como as tentativas de definir o tipo de comportamento público ideal. Na Idade Média, e também no Renascimento, surgem textos pedagógicos para a educação dos príncipes, um género literário conhecido como “Espelho de Príncipes”.

Esta aprendizagem passava não só pela boa forma e destreza física, como pelo estudo da tática e estratégia, com vista ao comando militar em combate, e por uma simultânea e rigorosa educação religiosa e intelectual que incluía línguas (entre as quais as clássicas), a filosofia, a história, a geografia, as ciências (com relevo para a matemática), as artes (como a música e o desenho), mas ainda a administração, a agricultura e demais matérias necessárias para a boa governação dos estados. Preocupação comum aos vários reinos europeus, a formação dos príncipes foi mudando

com o tempo, adaptando-se à evolução política e às exigências das novas sociedades, mantendo-se várias das suas constantes na atualidade, sendo de destacar a aprendizagem no entorno familiar.

Espanha

Temos disso exemplo, concreto e recente, com o atual Rei, que foi Príncipe das Astúrias, desde 1986, quando atingiu a maioridade. Seguiu algumas linhas da preparação do pai, D. João Carlos I, combinando a vertente militar e a universitária, e também as funções de representação. Assim, depois do ensino básico num colégio de Madrid, o Príncipe Filipe prosseguiu o secundário num internato, no Canadá, com vantagem para a aprendizagem de línguas, tendo posteriormente concluído uma licenciatura em Direito na Universidade Autónoma de Madrid e um mestrado em Relações Internacionais na americana Universidade de Georgetown. Veio depois o serviço militar de três anos com passagem pelas academias do Exército, Marinha e Força Aérea. Filipe iniciou então funções oficiais, em representação da Coroa, tanto em actos em Espanha como no estrangeiro. Assumiu a presidência de honra da Fundação Príncipe das Astúrias, fundada em 1980 e que vincula especialmente o sucessor na Coroa ao Principado que ostenta, e a qual abrange um vasto campo de atividades, entre as quais o financiamento e promoção de cursos, colóquios, exposições e seminários e a concessão de ajudas e bolsas a estudantes e investigadores. A Fundação atribui anualmente prémios que distinguem instituições ou individualidades em áreas que vão da cooperação internacional às artes, ciências ou o desporto.



PRINCESAS DO SÉCULO XXI

PINHEIRO MARQUES

Perfeito poliglota, o atual monarca espanhol, além da sua língua materna, domina o catalão, galego e basco, idiomas co-oficiais em Espanha, e também o inglês, francês e português. De mencionar que aprendeu grego com sua mãe, tendo igualmente conhecimentos de italiano e alemão.

“O planeamento da educação, tanto da sucessora na Coroa de Espanha como de sua irmã, é levado a cabo pelos Reis seus pais, com a colaboração e aconselhamento da Casa do Rei e do Governo.

A preparação da Princesa das Astúrias e da Infanta Sofia

O planeamento da educação, tanto da sucessora na Coroa de Espanha como de sua irmã, levado a cabo pelos Reis seus pais, com a colaboração e aconselhamento da Casa do Rei e do Governo, e com a participação e assentimento das próprias, incluiu, além dos estudos em Espanha, uma abertura a experiências educativas



Fotografias: Página oficial da Casa Real Espanhola

no estrangeiro, que facilitariam o conhecimento de línguas e os contactos com todo o tipo de jovens.

Princesa das Astúrias desde o momento da proclamação de seu pai como Rei de Espanha, em 2014, Sua Alteza Real a Princesa Leonor prestou o juramento previsto na Constituição perante o Parlamento espanhol, as Cortes Gerais, no dia 31 de outubro de 2023, data da sua maioria de idade.

Nascida em 2005, a Princesa Leonor frequentou, tal como a Infanta Sofia, nascida dois anos depois, o colégio de Santa Maria de los Rosales, à semelhança do sucedido com o pai. Esta proximidade de idades facilitou também a partilha de interesses no desporto, como o esqui, praticado em família, ou a natação. A princesa herdeira parece favorecer, além do voleibol, a esgrima, em que já obteve uma medalha de prata, enquanto a irmã é adepta de futebol, modalidade que

pratica, tal como o ténis e a equitação. Em matéria de passatempos culturais, o cinema e a leitura são comuns às jovens princesas, igualmente interessadas em arte, música e fotografia.

Tanto Leonor como Sofia prosseguiram estudos no “United World College of the Atlantic”, em Gales, fundado em 1962 pelo alemão Kurt Hahn, educador que desenvolveu conceitos como a pedagogia experiencial - uma reflexão sobre as experiências vividas - favorecendo o fortalecimento do carácter nos alunos e os desafios intelectuais, emocionais e físicos. Hoje existem

dezoito colégios nesta rede educativa, sendo os critérios de seleção muito estritos, ignorando considerações sociais, culturais ou económicas e privilegiando a motivação e o potencial dos candidatos, existindo um sistema de bolsas para apoio daqueles sem meios económicos.

Nas provas de admissão “cegas”, as duas irmãs espanholas tiveram excelentes resultados e puderam usufruir de um sistema de ensino exigente e desafiante, que articula as matérias teóricas com atividades ao ar livre, o desporto, o voluntariado e as atividades comunitárias nas zonas envolventes do colégio. Leonor e Sofia aprovaram o Bacharelato Internacional nesta instituição, respetivamente em maio de 2023 e maio de 2025, tendo os Reis de Espanha estado presentes nas cerimónias de entrega dos diplomas. Tanto a Princesa das Astúrias como a Infanta Sofia, além das línguas oficiais em Espanha, estudaram inglês, francês, árabe e mandarim.

A preparação militar específica da Princesa das Astúrias, que um dia assumirá o comando supremo das Forças Armadas Espanholas, foi estabelecida por Decreto Real, aprovado em Conselho de Ministros em março de 2023, que determinou igualmente que a princesa não ocupe vaga na progressão da sua carreira. A herdeira





da Coroa, depois dos estudos secundários, passou ao serviço militar, em contacto diário com os valores que lhe são próprios, como a disciplina, o espírito de serviço, a honra e a lealdade e ainda a camaradagem entre companheiros de armas. Entrou na Academia Militar de Saragoça, em agosto de 2023, onde jurou bandeira, como cadete, em cerimónia presidida pelo Rei Filipe VI. Neste período, Leonor participou no campeonato de esgrima entre as academias militares. Do Exército, a princesa Leonor passou à Escola Militar Naval, em agosto de 2024, completando o programa com uma viagem de sete meses no navio-escola Juan Sebastián Elcano, que a levou a atravessar o Atlântico, passando pelo Brasil e por países de língua espanhola, até Nova Iorque. A guarda-marinha Borbón prestou juramento em cerimónia também presidida pelo Rei, encontrando-se desde setembro de 2025 na Academia da Força Aérea. Devem seguir-se os estudos universitários, em áreas de interesse para as suas futuras funções, sendo possível que decorram em parte em Espanha e também no estrangeiro.

Já com vista à sua experiência na representação internacional do país, a herdeira da Coroa de Espanha efetuou a primeira visita oficial ao estrangeiro, tendo estado em Lisboa no dia 12 de julho de 2025, antes de dar entrada na Escola Militar Naval.



Em julho deste ano, em Barcelona, Leonor procedeu à entrega dos prémios Princesa de Girona (outro dos seus títulos históricos, como herdeira da Coroa) e, em outubro, aos prémios Princesa das Astúrias, em Oviedo, ocasião em que pronunciou um discurso em que sublinhava que “embora não sendo fácil, a convivência é o único caminho para o progresso partilhado”.

A Infanta Sofia tem estado presente nos grandes momentos da vida nacional, acompanhando os



pais e a irmã, encontrando-se, atualmente, a seguir estudos universitários de Ciência Política e Relações Internacionais, no “Forward College”, em Lisboa, instituição fundada em 2021, reconhecida pelo Ministério da Educação francês e pela Universidade de Londres, e contando com três polos, sendo estes, além de Lisboa, Paris e Berlim, devendo os estudantes passar um ano em cada cidade.

Considerações de peso sobre o “Ofício de reinar”

Em finais de outubro, na recente cerimónia de entrada na Real Academia de Ciências Morais e Políticas, Jaime Alfonsín Alfonso, que prestou durante trinta anos serviço na Casa do Rei, de que foi Chefe de 2014 a 2024, apresentou de forma precisa, e baseada em longa experiência, aspetos relevantes sobre “o ofício de reinar”, aproveitando para lembrar elogiosamente o Rei Filipe VI pela sua determinação e sensibilidade e por enfrentar circunstâncias muito adversas com dignidade, serenidade e fidelidade à Constituição. No seu discurso, intitulado “A educação da herdeira da Coroa e o ofício de reinar”, salientou que a formação da Princesa Leonor é um “assunto de Estado e uma responsabilidade compartilhada” pela Coroa, a sua família e a sociedade espanhola. O novo académico reiterou também que “o ofício de reinar” não se aprende na escola ou na universidade, mas antes na “discrição, neutralidade e no serviço” e que, para além dos diplomas académicos, a educação da princesa deve centrar-se no “sentido do dever, na consciência institucional e no compromisso moral com Espanha”.



Cunha
Coutinho
SAÚDE

Recupere o sorriso com segurança!

Sabia que os implantes dentários são a melhor solução para substituir dentes perdidos?



DENTES NO MESMO DIA!



cunhacoutinhosaude.pt



Entre em contacto

218 499 966

Av. Guerra Junqueiro 21, 4º Esq.
Praça de Londres, LISBOA



Actividades da Real Associação do Porto

Maio a Outubro de 2025

O segundo semestre de 2025, que, sublinha-se, ainda não terminou em termos de actividades da Real Associação do Porto (RAP), tem vindo a mostrar-se intenso nas acções desenvolvidas e a desenvolver.

Em 4 de Junho, organizou-se um Concerto da Real Orquestra do Porto integrado na 6ª edição do Ciclo de Música de São Francisco, ciclo que contou com a coordenação musical do Maestro Filipe Veríssimo. Sob a direcção do Maestro Nuno Pereira a Real Orquestra actuou com a participação das vozes do ensemble vocal Sancta Maria Capella.



Uma semana após, no dia 12 de Junho, em articulação com a Juventude Monárquica do Porto, realizou-se na excelente esplanada do Miradouro Ignez, com vista privilegiada sobre o Rio Douro e a foz, um fim de tarde com concertinas e cantares ao desafio, que evoluiu, depois, para um jantar. Foi um momento de raiz cultural popular muito interessante, que levou os presentes a participar nas cantigas.

Passadas que foram as férias de verão, reiniciaram-se as actividades.

Em 15 de Setembro, poucas semanas antes das Eleições Autárquicas, realizou-se uma Conversa Real, intitulada Municipalismo e Políticas Autárquicas, que teve como Orador principal o Eng. Luís Braga da Cruz, antigo Presidente da CCDR Norte e antigo Ministro da Economia, e reuniu ainda 6 candidatos a Presidentes de Câmara da região de distintas áreas políticas: Bruno Pereira, AD/Matosinhos, Fernando Arriscado, CDS/Póvoa de Varzim, Filipe Garcia, IL/Matosinhos, Manuel Pizarro, PS/Porto, Migue Corte-Real, CH/Porto e Nuno Cardoso, Independente/Porto.

Foi um interessante e longo debate sobre diversos pontos de vista da gestão autárquica e da regionalização, de escala mais larga ou menos larga, que levou a audiência a ser muito participativa.



In Memoriam

Isabel Manuela Teixeira Bandeira de Melo, conhecida socialmente como "Isabel Rilvas", nasceu em Lisboa no dia 8 de Janeiro de 1935, e deixou-nos no dia 14 de Setembro de 2025, estando sepultada no Cemitério dos Prazeres.

Cedo se distinguiu das suas pares, ingressando aos 18 anos no Aero Club de Portugal, onde foi uma sócia muito empenhada pois que nessa instituição sintense obteve o seu "brevet", e dois anos depois já participava em festivais aeronáuticos, tornando-se a primeira piloto-acrobata da Península Ibérica. Voar não era a única paixão, também saltar: e foi a primeira mulher paraquedista civil de Portugal.

Não se pense, porém, que era uma "aviadora solitária", pois que foi dela a ideia de criar um corpo de enfermeiras paraquedistas socorristas em Portugal, ideia esta prontamente acolhida pela Força Aérea Portuguesa que em 1961 integrou a primeira geração destas enfermeiras nas suas forças paraquedistas.

Casada com um ilustre diplomata, o Embaixador Leonardo Mathias, ampliou os seus horizontes nos sucessivos postos ocupados, envolvendo-se na criação do Bazar Diplomático Português, em 1983, com o apoio da então Primeira Dama, Dra. Manuela Eanes.

Uma vida longa e intensa, que lhe valeu o reconhecimento, em 2014, da Força Aérea Portuguesa, recebendo a Medalha de

Mérito Aeronáutico de Primeira Classe; e três anos depois pelo Estado português, que a fez Grande Oficial da Ordem do Infante Dom Henrique.

Monárquica convicta, sempre presente, era muito acarinhada dentro do movimento e pela Casa Real portuguesa, sendo Dama Grã-Cruz da Real Ordem de Santa Isabel.

Last but not least, era associada da Real Associação de Lisboa.





Já no mês de Outubro a RAP apostou na realização de um Colóquio Internacional com entidades Espanholas e com o apoio da Santa Casa da Misericórdia do Porto.

Realizou-se na Casa da Prelada, em 10 e 11 de Outubro o Colóquio Rainhas e Princesas Ibéricas – poder e influência, que juntou académicos e estudiosos dos dois países, e permitiu conhecer muitas qualidades de Rainhas, Princesas e Infantas de Portugal e dos Reinos da actual Espanha, que governaram e regeram os seus Reinos. De todas as referidas se apreenderam feitos na área da política, da economia e da assistência social.

Os trabalhos foram encerrados por SAR a Senhora Dona Isabel que participou ainda no Jantar que se seguiu à intervenção que teve no Colóquio.



O Jantar do 36º Aniversário da RAP, este ano foi antecipado para Outubro e realizou-se a 24 desse mês.

Estiveram presentes, SSAARR o Senhores Duque de Bragança e o Senhor Príncipe da Beira, que confraternizaram com os presentes.

No jantar actuou ainda um ensemble da Real Orquestra do Porto.



Até final do presente ano estão ainda previstos mais eventos.

No dia 25 de Novembro está agendada nova CONVERSA REAL, esta sujeita ao tema 25 - NOVEMBRO CORRIGE ABRIL.

No dia 13 de Dezembro realiza-se, em tempos de Natal, um Concerto da Real Orquestra do Porto em parceria com o Coro dos Antigos Orfeonistas da Universidade do Porto e ainda um Jantar de Beneficência em favor do Lar de Nª Srª do Livramento.

Com esta programação encerra-se mais um ano de actividade da RAP.



Actividades da Real Associação de Lisboa

Conversas Reais de Outubro versaram autárquicas

A abrir a nova época de actividades da Real Associação de Lisboa, decorreu no dia 25 de Setembro mais uma sessão de Conversas Reais, que, no âmbito das eleições autárquicas que se aproximam, contou como convidado especial Filipe Anacoreta Correia, a terminar o seu mandato como Vice-presidente da Câmara Municipal de Lisboa.

Este jantar tertúlia foi ocasião para um vivo debate sobre os quatro anos de serviço ao maior município do País e de projecção dos desafios que o próximo executivo irá enfrentar. Nas suas palavras “Um “alcaide” deve ser um garante de autonomia e de liberdade. Num tempo de extremos, de convulsões, de grande tendência para o conflito, o edil deve de alguma forma ser um muro de protecção, na luta pela autonomia das cidades em face ao Estado central”.

Filipe Anacoreta Correia, que no mandato que agora termina assumiu os pelouros de Finanças e Recursos Humanos, Serviços Sociais, Gestão Patrimonial, Departamento Jurídico e Mobilidade não foi candidato nas eleições de dia 12, tendo retomado a sua actividade como advogado.



À descoberta dos segredos heráldicos do Convento do Carmo

Nem o tempo chuvoso afastou mais de uma vintena de associados da RAL, numa manhã de sábado, da visita realizada ao Museu Arqueológico do Carmo, guiada pelo antigo presidente do Instituto Português de Heráldica, Dr. João Portugal. Esta visita incidiu principalmente sobre a heráldica presente naquele espólio, proveniente do primitivo convento carmelita ou recolhido no contexto da extinção das ordens religiosas e subsequente processo de musealização desse património.

Os Roteiros Reais são uma iniciativa da Real Associação de Lisboa, que além de promoverem o encontro e convívio entre os nossos associados, têm o intuito de dar a conhecer o património arquitetónico e cultural do distrito de Lisboa, sob uma perspetiva inédita ou nem sempre acessível, e desse modo contribuir para a sua defesa.



Visita ao Convento de Santo António do Varatojo

Decorreu no pretérito dia 28 de Junho uma sessão de Roteiros Reais, uma visita ao Convento de Santo António do Varatojo em Torres Vedras que foi guiada pelo Frei Miguel Castro Loureiro. Este convento do século XV fundado pelo rei D. Afonso V, ainda hoje alberga a resiliente ordem religiosa dos franciscanos. Várias vezes expulsos e expropriados, hoje são oito os consagrados que cuidam e mantêm o precioso edifício, capela e igreja, propriedade do Estado.



O território e o rei

Decorreu no passado dia 26 de julho a assinatura de um protocolo entre a Real Associação de Lisboa e a Montis, Associação para a Gestão e Conservação da Natureza, para a administração de três prédios rústicos (terrenos) na Serra d'El Rei, durante os próximos 10 anos. Estes terrenos foram legados à RAL em 2024 por um benfeitor, tendo a doação sido aprovada na AG deste ano.

O Senhor Dom Duarte de Bragança apadrinhou esta cerimónia, que contou com a presença de elementos da direcção das duas associações, nomeadamente a Eng. Teresa Gamito presidente da Montis, e João Távora, presidente da Real Associação de Lisboa. Esta foi ocasião para os participantes tomarem contacto

com uma das fracções do terreno que, segundo a Eng. Teresa Gamito, será alvo nos próximos tempos de uma serie de intervenções, nomeadamente abertura de caminhos e controlo dos vastos "muros" de canavial (utilizados como divisão das propriedades), iniciando-se os trabalhos de apoio à regeneração natural e preparação de terrenos para plantação.

João Távora salientou na ocasião a urgência do cuidado com território, uma Causa em muito equiparável à preservação da tradição realista, do Rei, a Pátria em figura humana.

A jornada terminou com um almoço convívio em Óbidos, tendo a equipa do restaurante feito questão de se fazer fotografar com o Senhor Dom Duarte, que continuamente ao longo da sua vida cultiva a proximidade com os portugueses.





**REAL ASSOCIAÇÃO
DE BRAGA**

O privilégio de Portugal ter o Senhor Dom Duarte ao seu serviço.

Nos 80 anos de vida ao serviço de Portugal é difícil contabilizar todos os momentos em tão poucas linhas, mas, todos sabemos que o Senhor Dom Duarte tem como propósito da sua vida, Portugal e os portugueses. Assim, devemos destacar o seu importantíssimo contributo para a Lusofonia e defesa do património cultural, material e imaterial português em todo o mundo, contribuindo de forma inigualável para o sentido de união e pertença a Portugal.



Serviu a Pátria na Guerra do Ultramar, como Tenente Piloto Aviador em Angola, ao lado de muitos outros portugueses.

A sua visão clara, prática e preditiva, sobre o papel da Monarquia em Portugal, é extraordinária e atual. Percebe perfeitamente que função desempenharia e como a conduziria a bom sucesso, deste modo, o seu desempenho não teria o duplo papel ou uma dupla função, seria o Chefe de Estado, sem dúbios papéis e, verdadeiramente, o real representante de todos os portugueses.

Sempre preocupado com a causa ambiental e com a preservação do mundo rural, percebeu desde sempre que é impossível defender uma sem defender a outra, uma vez que são indissociáveis. Ainda este verão, ouvimos muitos especialistas defenderem como forma de combate aos incêndios florestais, políticas de promoção e salvaguarda das pessoas nos territórios rurais. As pessoas que vivem da terra e na envolvimento rural, são os principais ativistas ambientais, o Senhor Dom Duarte sabe-o e tenta passar esta mensagem há muito tempo.

Sempre defendeu e defende o “Produzido em Portugal”, esta defesa da produção nacional, não é um capricho, S.A.R. sabe que é crucial para o crescimento económico, crescimento do emprego, aumento da competitividade e da sustentabilidade de uma nação.

Na representação diplomática, Portugal tem no Senhor Dom Duarte um digníssimo representante, com um papel interventivo e determinante. Com coragem e convicção, desde muito cedo, entregou-se à causa da independência de Timor-Leste, lutando contra um certo *status-quo* internacional e que os diferentes Governos de Portugal seguiram durante algum tempo. A causa venceu e o Senhor Dom Duarte viu concretizada a vitória do povo timorense.

A sua dedicação ao espaço da Lusofonia e das comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo, está espelhada no contributo inestimável para os países membros da Comunidade de Países de Língua Portuguesa – CPLP, através da Fundação Dom Manuel II. Promovendo projetos de formação, de desenvolvimento social e cultural e estabelecimento de laços duradouros entre estes povos.

No ano em que S.A.R. o Senhor Dom Duarte comemora o seu 80º aniversário, Portugal e os portugueses, só podem estar gratos e orgulhosos do seu desempenho como Chefe da Casa Real Portuguesa.

Gonçalo Pimenta de Castro
Presidente da Direção da Real Associação de Braga.





Transladação das relíquias de São Frutuoso

A 18 de Outubro de 2025, a Real Associação de Braga participou na cerimónia da transladação das relíquias de São Frutuoso. Evento marcante para a Cidade de Braga e para Portugal, porque, cerca de nove séculos depois, as relíquias de São Frutuoso, um dos Arcebispos Santos da Arquidiocese de Braga, regressaram ao seu mausoléu original (Monumento Nacional) onde, por sua vontade escrita, queria ser sepultado, junto à igreja de São Francisco em Real - Braga.

Com este regresso, e quase 900 anos depois, encerra-se o famosíssimo “Pio Latrocínio” realizado por Diogo Gelmires, Bispo de Santiago de Compostela, em 1102, quando este furtou durante a noite inúmeras Santas Relíquias da Sé Primaz de Braga, onde constavam as relíquias de São Frutuoso, levando-as para Santiago de Compostela.

“A transladação das relíquias de São Frutuoso para a velhinha capelinha visigótica, única no mundo, dentro do Mausoléu, encerra um ciclo milenar de devoção, memória e justiça histórica. Um momento único na história paroquial, arquidiocesana e nacional” - afirmou o Cónego Hermenegildo Faria.

Um dia histórico e de grande simbolismo testemunhado pelo Arcebispo de Braga, Dom José Cordeiro, que presidiu à eucaristia. Para além das entidades oficiais e convidados, o povo da Freguesia de Real - Braga, também esteve em grande número a testemunhar a história. A missa foi cantada e solenizada pela Escola de Música Litúrgica da Arquidiocese de Braga.

S.A.R. o Senhor Dom Duarte, não esteve presente por motivos de saúde, mas, enviou uma mensagem de felicitação, que foi lida durante a cerimónia. S.A.R. comprometeu-se a oferecer um relicário para a colocação das relíquias de São Frutuoso, que será benziado no Vaticano por Sua Santidade o Papa Leão XIV.



Fotobiografia Dom Duarte de Bragança “Ao Serviço dos Portugueses”

2025



Reserve já o seu exemplar

A By the Book prepara a publicação de uma fotobiografia do Senhor Dom Duarte de Bragança, a lançar este ano, numa edição bilingue, profusamente ilustrada e em capa dura. Garanta já o seu exemplar, e aproveite a campanha especial de pré-venda: 30 € por livro, com o porte postal nacional incluído — ou compre três por 80 €

Encomendas no site www.bythebook.pt



No passado dia 27 de maio, Sua Alteza Real, o Duque de Bragança, recebeu na sua residência em Sintra a nova Embaixadora do Reino da Tailândia em Portugal, S.E. a Senhora Kanokwan Pengsuwan. Durante o encontro, foram apresentados cumprimentos e houve oportunidade para a troca de impressões sobre as relações entre os dois países. Este encontro reforça os laços de amizade entre Portugal e a Tailândia.



S.A.R. o Duque de Bragança marcou presença no lançamento do livro *Exiled in Madeira – Documents on the Last Months of the Life of Charles of Austria-Hungary*, apoiado pela Fundação Otto de Habsburgo. A obra retrata a vida do Beato Carlos, último Imperador da Áustria e Rei da Hungria, durante o seu exílio na Madeira.

O evento, realizado na Embaixada da Hungria a convite de S.E. a Embaixadora Emília Fábíán, contou com uma conferência de Jaime Nogueira Pinto, Gergely Fejérdy, vice-presidente da Fundação, e D. Pedro Siqueira de Almeida, neto de D. João de Almeida, amigo e secretário do Beato Carlos.



S.A.R. o Duque de Bragança esteve presente no dia 7 de Junho na Assembleia-Geral da Associação Portuguesa das Casas Históricas que decorreu nas instalações do Museu - MACAM, antigo Palácio do Marquês da Ribeira Grande, durante a qual foram eleitos os respectivos órgãos sociais para o triénio 2025/2028, tendo sido reconduzido o Senhor Conde de Sabugosa como Presidente da Direção.

Nesta fotografia o Duque de Bragança está acompanhado pelo Conde de Albuquerque (Representante e Delegado da Associação para os Açores), pelo Arq. João Cunha Paredes, (Delegado e Representante da Associação Portuguesa das Casas Históricas para a Madeira) e suas filhas.



No Dia de Portugal, 10 de junho, S.A. a Infanta Dona Maria Francisca de Bragança e o Dr. Duarte de Sousa Martins, Duques de Coimbra, realizaram um ato de profunda devoção ao consagrarem-se a Nossa Senhora da Lapa, em Semancelhe, o primeiro santuário mariano da Península Ibérica.

Esta celebração histórica, que perpetua a ligação da Casa Real de Bragança à Virgem Maria, foi presidida por Sua Excelência Reverendíssima, o Senhor Bispo de Lamego. Um momento de fé e tradição que reflete a espiritualidade portuguesa!

Organizado com empenho pela Reitoria do Santuário da Lapa, Município de Semancelhe e Real Associação de Viseu, o evento contou com a presença de representantes das Ordens de Malta, do Santo Sepulcro de Jerusalém, Constantiniana de São Jorge (ramo espanhol) e da Irmandade Militar de Nossa Senhora da Conceição de Lamego, além do Dr. Nuno Pombo, Presidente da Direção Nacional da Causa Real.

Um dia de união, devoção e celebração da nossa história!



S.A.R. o Duque de Bragança esteve presente na Homenagem Nacional aos Combatentes: Coragem e Memória ao serviço de Portugal, que decorreu como habitualmente no dia 10 de Junho em Belém.



S.A.R. o Duque de Bragança presidiu no dia 16 de Junho à apresentação do livro "Los reyes de nuestros

vecinos: Quién es el Rey de Portugal? Y quién es el Rey de Francia? Una posición jurídico-dinástica", do Doutor Rodolfo Francisco Orantos y Martín-Requejo, académico correspondente da Real Academia de Jurisprudencia y Legislación de España, que se realizou no âmbito do Ciclo de Encontros com História, Arte e Património, que teve lugar nas salas adjacentes da Igreja do Sacramento, em Lisboa. Posteriormente teve lugar uma conferência que contou com a presença da Prof. Doutora Ana Cristina Martins, da Academia Internacional de Cultura Portuguesa, e do Dr. Vitor Escudero, da Academia Nacional de Belas Artes.

Fotografia: Nuno Albuquerque Gaspar



No âmbito da visita a Timor que SS.AA.RR. o Duque de Bragança e o Príncipe da Beira estão a realizar, foram os convidados de honra numa cerimónia em que a Embaixada de Portugal ofereceu uma imagem de Santo António à comunidade e Igreja de Manatuto. A cerimónia decorreu no sábado, dia 21 de Junho, sendo esta uma réplica para substituir a original, já com mais de 200 anos, e que tem de ser resguardada para não se deteriorar ainda mais.



No passado dia 25 de Junho, SS.AA.RR. o Duque de Bragança e o Príncipe da Beira foram visitar a Escola de São João de Brito, em Timor, uma das quais a que a Fundação D. Manuel II forneceu livros e filmes portugueses para auxiliar na educação do português em Timor-Leste.



SS.AA.RR. o Duque de Bragança e o Príncipe da Beira foram recebidos em audiência por S.E.R. o Senhor D. Leandro Maria Alves, Bispo de Baucau. D. Leandro foi nomeado em 26 de Abril de 2023 e consagrado bispo em Julho de 2023. A Igreja em Timor-Leste está organizada em três dioceses: Arquidiocese de Díli, Diocese de Baucau e Diocese de Mariana.



SS.AA.RR. o Duque de Bragança e o Príncipe da Beira visitaram a Escola Portuguesa de Díli para tomar conhecimento da realidade da escola e do ensino em Timor-Leste.

Após uma troca de livros, seguiu-se um almoço descontraído na cantina da escola, partilhado com professores, funcionários e membros da Direção.

Posteriormente, o Duque de Bragança e o o seu filho realizaram uma visita guiada às instalações, acompanhados pelo Diretor da Escola Portuguesa de Díli. Ao longo do percurso, foram apresentados diversos projetos desenvolvidos pelos alunos durante o ano letivo.

O Duque de Bragança quis ainda tomar conhecimento acerca do funcionamento da escola e no seu papel enquanto ponte entre culturas.

Fonte: Escola Portuguesa de Díli - Rui Cinatti

S.A. o Infante D. Dinis, duque do Porto, esteve presente na Missa do santo patrono da Ordem de Malta, que se realizou na Basílica dos Mártires, em Lisboa. Nesta cerimónia, presidida pelo Núncio Apostólico em Portugal, S.E.R. D. Ivo Scapolato, realizaram-se as investidas de novos membros, nomeadamente de Jorge Raposo de Magalhães, marido de S.A. a Pincesa Alexandra-Nadejda Chrobok von Koháry, da Casa Real da Bulgária.



SS.AA.RR. o Senhor Dom Duarte de Bragança e Dom Afonso de Bragança foram convidados de honra na "4ª Conferência das Comunidades Luso-Asiáticas", em Díli, Timor-Leste.

Sob o mote "Unidos na Diversidade – Desafios e Oportunidades de um Legado Secular", a 4ª Conferência das Comunidades Luso-Asiáticas teve lugar em Díli, Timor-Leste, nos dias 27, 28 e 29 de junho do presente ano. S.A.R. o Senhor Dom Duarte de Bragança foi um dos convidados de honra do evento, no qual participou acompanhado por S.A.R. o Senhor Dom Afonso de Bragança, Príncipe da Beira.

A Conferência pretendeu reunir em Díli os representantes das comunidades luso-descendentes ainda presentes em diversas nações do continente asiático, dando a conhecer não apenas as suas origens históricas, mas também aferir sobre a sua presente condição e, acima de tudo, procurar compreender que contributos poderão vir a ser dados no futuro, de forma a apoiar o desenvolvimento das mesmas, em seus contextos específicos.



S.A.R. o Senhor Dom Duarte de Bragança vem sendo uma presença assídua junto de várias destas comunidades, procurando revalidar e fortalecer os laços que as ligam a Portugal, sendo por elas reconhecido como figura preponderante na chamada de atenção que é preciso continuar a fazer, particularmente junto da opinião pública e das autoridades portuguesas.

Após as primeiras três edições desta conferência – todas ocorridas em Malaca, por iniciativa dos luso-descendentes do Bairro Português de Malaca – o Governo de Timor-Leste, liderado por Xanana Gusmão e com o apoio institucional da CPLP, quis fazer desta edição um ponto de viragem na centralidade que estas comunidades merecem por parte dos países de língua oficial portuguesa, comprometendo-se a apoiar a criação da Associação das Comunidades Luso-Asiáticas, a sedear em Díli.

A conferência contou com a presença de cerca de 80 participantes oriundos das comunidades luso-descendentes de Goa (Índia), Sri Lanka, Myanmar, Malaca (Malásia), Macau, Tailândia, Oecusse (Timor-Leste), Flores e Jacarta (Indonésia), tendo mobilizado várias centenas de estudantes universitários, corpos diplomáticos e sociedade civil de Timor-Leste.



SS.AA.RR. o Duque de Bragança e o Príncipe da Beira inauguraram a biblioteca D.Duarte, que está sediada no Colégio de Santo António de Lisboa, em Manatuto. O Duque de Bragança doou mais de 30 mil livros, através da Fundação D. Manuel II, para constituir uma das maiores bibliotecas para crianças e adolescentes de língua portuguesa em Timor-Leste.



No passado dia 4 de Julho - dia da Rainha Santa Isabel - S.A.R. a Duquesa de Bragança, participou, como habitualmente, nas Cerimónias da Rainha Santa, que se realizaram no Convento de Santa Clara-a-Nova, em Coimbra, cidade que celebra neste dia o seu feriado municipal.

S.A.R. esteve presente na qualidade de Grã-Mestre da Real Ordem de Santa Isabel, acompanhada por várias Damas.

As cerimónias contaram com a Santa Missa, presidida pelo Rev.º Pe. Francisco Prior Claro, que proferiu uma homilia alusiva à vida e exemplo da Rainha Santa Isabel, neste ano em que se comemoram os 400 anos da sua canonização (em 25 de Maio de 1625).

A Real Ordem de Santa Isabel é uma ordem dinástica honorífica, privativa da Casa Real Portuguesa, com a natureza de Associação Privada de Fiéis da Igreja Católica, que tem por finalidade manter viva a devoção à Rainha Santa Isabel.



O duque de Bragança no dia 10 de Julho esteve presente na cerimónia comemorativa do centenário da morte do poeta António Sardinha, que se realizou no Grémio Literário. António Sardinha foi um grande doutrinador da causa monárquica e figura emblemática do integralismo lusitano.

O evento contou com os Professores José Miguel Sardica, José Manuel Quintas e Ana Isabel Devignes como oradores.

Fotografia: Nuno Albuquerque Gaspar



O Príncipe da Beira, o Duque do Porto e os Duques de Coimbra, estiveram presentes na corrida de 45 anos de Paulo Caetano, que se realizou no Campo Pequeno, em Lisboa.



Instagram : A Família Real nas Redes



A Duquesa de Bragança, o Príncipe da Beira e o Duque de Coimbra estiveram presentes no 20º aniversário da entronização de S.A.S. o Príncipe Alberto II, que se realizou no passado 10 de Julho, no Forte da Cruz, no Estoril.

O Duque de Bragança, enquanto Presidente de Honra do The Duke of Edinburgh Award Portugal, esteve presente na entrega de 31 Prémios Bronze e um certificado de reconhecimento a um professor monitor, numa cerimónia que se realizou na passada segunda-feira, dia 14 de julho, na Escola Internacional de Torres Vedras.

Esta cerimónia contou com a presença do Presidente da Câmara Municipal de Torres Vedras, Dra. Laura Rodrigues, do Diretor da Escola Internacional de Torres Vedras, Eng. Eduardo de Castro, e a adesão de todas as famílias dos premiados.

O The Duke of Edinburgh Award em Portugal (antigo Prémio Infante D. Henrique), é um programa de desenvolvimento juvenil que promove competências, cidadania ativa e voluntariado. O Prémio foi criado pelo Duque de Edimburgo, sendo atualmente S.A.R. o Príncipe Eduardo, actual Duque de Edimburgo, o responsável internacional. Em Portugal, o fundador e Presidente de Honra é S.A.R. o Duque de Bragança.



SS.AA.RR. os Duques de Bragança, estiveram presentes nas celebrações do Dia da Independência dos Estados Unidos da América, que tiveram lugar na Embaixada dos EUA em Lisboa, na passada quarta-feira.

O evento, que assinala o 4 de Julho, foi organizado pelo Encarregado de Negócios, Doug Koneff, e contou com a presença de distintas personalidades da diplomacia, cultura e sociedade civil portuguesa.

Foi uma honra marcar presença neste momento de amizade entre Portugal e os Estados Unidos da América.

SS.AA.RR. os Duques de Bragança estiveram presentes na festa nacional do dia da Bélgica a convite de S.E. o Senhor Embaixador da Bélgica, Bart Lammens. A cerimónia decorreu na passada segunda-feira 21 de Julho.



No dia 31 de Julho, em Cascais, S.M. o Rei Fouad II do Egipto ofereceu um jantar no Guincho em honra de S.A.R. o Senhor Dom Duarte. Uma noite memorável

SS.AA.RR. o Duque de Bragança e o Príncipe da Beira marcaram presença no jantar de Estado oferecido por S.E. o Presidente da República Portuguesa, Prof. Doutor Marcelo Rebelo de Sousa, no Palácio da Ajuda, em honra da visita de S.E. o Presidente de Angola, João Lourenço. Um momento de união e diplomacia!



No dia 20 de Agosto, por ocasião da Comemoração da Fundação do Estado Húngaro e da Festa de Santo Estêvão, Rei da Hungria, S.A.R. o Senhor D. Duarte, Duque de Bragança, e a sua família, realizaram uma visita oficial à Hungria. Durante a visita, foram recebidos pelo Presidente da República, Dr. Tamás Sulyok, bem como pelo Primeiro-Ministro, Dr. Viktor Orbán, pelo Vice-Primeiro-Ministro, Dr. Zsolt Semjén, e por Sua Eminência o Cardeal Péter Erd.

Durante a visita foram acompanhados pela Embaixadora da Hungria em Portugal.

Fotografia: Embaixada da Hungria



No dia 21 de Agosto S.A.R. o Duque de Bragança foi recebido pelo Primeiro-Ministro da Hungria, Viktor Orbán, no âmbito de uma visita oficial àquele país.

A reunião contou também com a presença do Vice-Primeiro-Ministro, Zsolt Semjén, e ainda com György Habsburgo, futuro embaixador da Hungria em Madrid.

Durante a audiência foram debatidos vários temas, nomeadamente, “a importância da família, preservar tradições e combater a imigração ilegal”.

Fotografia: Hungary Today



SS.AA.RR. os Duques de Bragança estiveram presentes na Consagração de Portugal a São Miguel Arcanjo, que se realizou na Basílica dos Mártires, em Lisboa. A cerimónia que foi presidida pelo Cônego Armando Duarte foi promovida pelas irmãs do Instituto Hesed e pela Irmandade de São Miguel e Almas. A iniciativa teve a Basílica dos Mártires repleta de fiéis,

O Instituto Hesed é uma organização religiosa católica fundada em 1997 em Fortaleza, Ceará, por Kelly Patrícia e Jane Madeleine. Focado em espiritualidade, promove atividades como oração contínua, eventos religiosos, missões e catequeses, com destaque para a Quaresma de São Miguel, que reúne muitos participantes.



SS.AA.RR. os Duques de Bragança e o Príncipe da Beira, estiveram presentes na Missa pelas vítimas mortais do acidente do Elevador da Glória e pela recuperação dos feridos, que se realizou na Igreja de São Domingos e foi presidida por S.E.R. o Patriarca de Lisboa.

“Não cessamos de orar por aqueles que partiram de forma tão repentina, pelos que sofrem nos hospitais, pelas famílias que choram, e por todos os que, no meio desta provação, procuram sentido e força para continuar”, disse o Patriarca durante a homilia que proferiu.

Fotografia: Patriarcado de Lisboa



No dia 9 de Setembro, S.A.R. o Duque de Bragança esteve presente na Sessão Solene Comemorativa dos 60 anos da Academia Internacional da Cultura Portuguesa (AICP), que se realizou no Museu da Fundação Oriente, em Lisboa.



A sessão contou com as presenças de S. Exa. o Secretário de Estado da Cultura, Dr. Alberto Santos, o Dr. Carlos Monjardino, Presidente da Fundação Oriente e anfitrião desta comemoração, e a Presidente da AICP, Doutora Maria Regina de Mongiardim, entre vários convidados.

A AICP foi criada em 6 de fevereiro de 1965, e teve como seu principal fundador o Professor Doutor Adriano Moreira, com os objetivos de incrementar o estudo do património cultural português espalhado pelo mundo, de promover a divulgação da cultura e língua portuguesa, e de fortalecer os laços com os povos filiados na cultura portuguesa.

A Conferência esteve a cargo do Professor Catedrático José Fontes e do Vice-Almirante António Rebelo Duarte, com os seguintes temas: “Enquadramento histórico da fundação da AICP” e “Recordar o saudoso Professor Adriano Moreira, fundador da AICP, é orientá-la no seu caminho e no cumprimento dos seus objetivos maiores”.

Fotografia: Nuno Albuquerque Gaspar

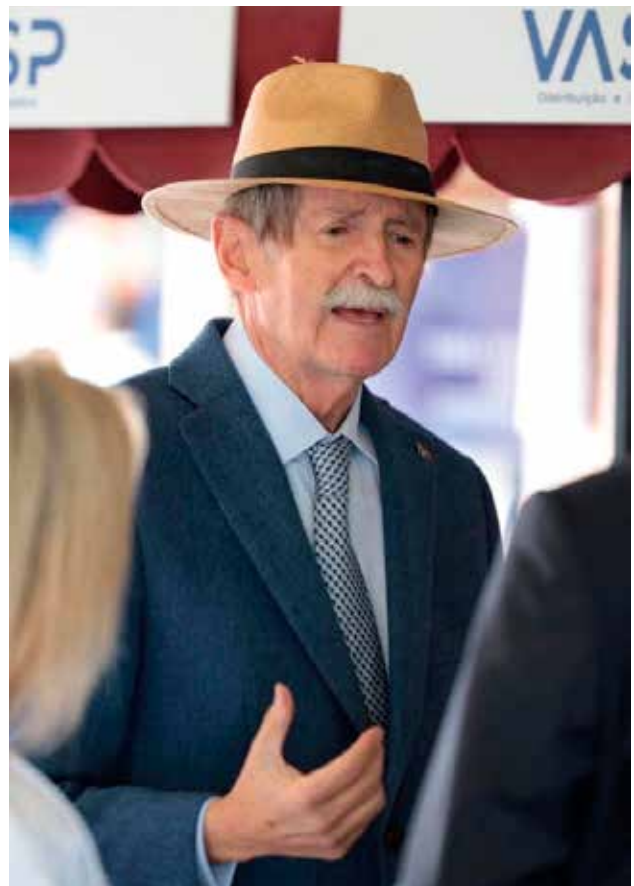


S.A.R. o Duque de Bragança marcou presença na celebração do 203º aniversário da Independência do Brasil, realizada na Residência Oficial da Embaixada do Brasil. Uma data que também comemora os 200 anos do reconhecimento da independência por Portugal.



S.A.R. a Duquesa de Bragança e S.A. a Infanta D. Maria Francisca, Duquesa de Coimbra, estiveram presentes na primeira edição do festival Santar Music Series, que se realizou no passado dia 12 de Setembro no Valverde Santar Hotel & Spa, em Santar. A Casa das Fidalgas, onde se encontra este hotel e que está ligada à Casa de Bragança, foi palco deste festival de música de três dias.

O Santar Music Series 2025 decorreu de 12 a 14 de setembro, sob direção artística de Vasco Dantas com artistas de renome nacional e internacional. O programa abriu com “Bach Mirror”, um tributo contemporâneo à obra de Johann Sebastian Bach, interpretado por Thomas Enhco (piano) e Vassilena Serafimova (marimba). No segundo dia, a matinée foi protagonizada pela Banda Filarmónica de Santar, seguida do concerto “Echos e Fusões”, com Leticia Moreno (violino), João Barradas (acordeão) e Joel Cardoso (clarinete), que exploram repertórios de fado, Bach, Schubert e Schumann. O festival encerrou com “Diálogo de Solistas”, um concerto sinfónico com Sergei Nakariakov (trompete e fliscorne) e Vasco Dantas (piano), acompanhados pela Orquestra Metropolitana de Lisboa, sob direção de Pedro Neves, com obras de Freitas Branco, Haydn, Liszt e Shostakovich. Os concertos foram seguidos de cocktail. O festival teve uma vertente solidária, revertendo parte das receitas para a Ajuda de Berço e a Santa Casa da Misericórdia de Santar.



S.A.R. o Duque de Bragança esteve presente no 1.º Encontro Nacional de Pontos de Venda de Imprensa, organizado pela VASP - Distribuição e Logística, por ocasião da celebração do seu 50º aniversário. O encontro que teve lugar no Golden Eagle, em Rio Maior, pretende destacar o papel fundamental da rede nacional de pontos de venda de publicações na promoção do acesso à informação. Estiveram presentes centenas profissionais de todo o país que são responsáveis por levar os jornais, revistas e outras publicações a todos os portugueses.



SS.AA.RR. o Duque de Bragança e o Príncipe da Beira presidiram à inauguração do Memorial a Cristóvão Colombo no Castelo de Ourém. A cerimónia contou com a presença do Duque de Veragua, de S.E.R. o Senhor D. Rui Valério, Patriarca de Lisboa, e do Arcebispo Timothy Broglio, presidente da Conferência Episcopal dos Estados Unidos da América, entre vários outros convidados presentes na Peregrinação Internacional da Real Ordem do Arcanjo São Miguel a Fátima.



S.A.R. o Duque de Bragança visitou a empresa Olisipo, parceira do 'The Duke of Edinburgh's International Award Portugal', para entrega do Certificado de Reconhecimento, a Bernardo Teixeira da Mota, COO da Olisipo (Chief Operating Officer).

A Olisipo, é desde há mais de uma década, parceira do 'The Duke of Edinburgh's International Award Portugal'.

Neste momento para além de parceiro, a Olisipo em conjunto com o DofE Portugal, preparam-se para disponibilizar o programa, a todos os empregados da Olisipo e aos seus familiares num universo de mais de 700 pessoas.

A Olisipo, fundada em 1994, é a única empresa portuguesa, com mais de 30 anos dedicada à gestão de carreira de profissionais em Tecnologias de Informação.



Os Duques de Bragança e o Príncipe da Beira, no início de Novembro, estiveram de visita ao Bangladesh a convite da Fundação London Tea Exchange. SS.AA.RR. presenciaram o programa de "Fair pay Chater", realizado em conjunto com as Nações Unidas. O programa consiste em sensibilizar os empresários a pagar um preço justo para os trabalhadores que trabalham nos campos de chá. A Universidade Daffodi, cujo reitor é embaixador de Sylhet, local em que os duques e o príncipe também visitaram as obras sociais realizadas em escolas como a Guardians (ligada à Fundação CAP- Community Against Poverly) e a própria Universidade de Daffodil (onde criaram uma bolsa de estudos com o nome do Duque de Bragança).

Antes, SS.AA.RR. estiveram ainda no Dubai e na Índia com vários grupos de investimento em conversações com o mesmo propósito de sensibilização.



Instagram : A Família Real nas Redes

No dia 17 de Outubro S.A.R. o Duque de Bragança entregou o a bolsa de mérito Duque de Bragança para o melhor aluno de medicina da Faculdade de Medicina da Universidade Católica Portuguesa a Maria Francisca Alvim Fernandes Dias Rosas.

Este prémio, que é da iniciativa da Fundação D. Manuel II (presidida pelo Duque de Bragança) em conjunto com a UCP, teve início em 2024 e destina-se a apoiar a educação e formação profissional dos cidadãos.

A cerimónia teve lugar no Auditório Multicare da Faculdade de Medicina, em Rio de Mouro.



SS.AA.RR. a Duquesa de Bragança e o Príncipe da Beira estiveram presentes na Peregrinação Jubilar da Ordem Constantiniana de São Jorge, que se realizou a 25 de Outubro em Roma. A cerimónia, que decorreu na Basílica de São João Latrão, foi presidida pelo Grão-Prior da Ordem, o Cardeal Marcello Semeraro, com a presença do Grão-Mestre, S.A.R. O Duque de Castro e toda a família Real das Duas Sicílias. Estiveram também presentes um grupo de cavaleiros da delegação portuguesa da Ordem Constantiniana. A cerimónia contou com um total de cerca de 400 cavaleiros.



No dia 27 de Outubro realizou-se a cerimónia de entrega de prémios do The Duke of Edimburgh's Award Portugal na Casa Pia de Lisboa. A cerimónia contou com a presença de S.A.R. o Duque de Bragança, a Presidente da Casa Pia de Lisboa, Dra. Fátima Matos, a Dra. Nicola Davis, em representação da Senhora Embaixadora do Reino Unido, o Tenente-Coronel Agostinho José Caldas de Freitas, Sub-Director do Centro Geoespacial do Exército, Conselho Directivo da Casa Pia, Monitores, Avaliadores Jovens e famílias.

Foram entregues 13 Medalhas de Bronze, no âmbito do programa do prémio, a jovens de três CEDS (Centros de Educação e Desenvolvimento): CED António Aurélio da Costa Ferreira, CED Nossa Senhora da Conceição e CED Maria Pia.

Parabéns aos monitores, Prof. Ana Luísa Antunes, Prof. Beatriz Escarameia e Prof. Luis Teves e o Interlocutor, Dr. João Soveral



No dia 29 de Outubro S.A.R. o Duque de Bragança esteve presente na sessão comemorativa do 69.º aniversário da Revolução e Luta pela Liberdade de 1956, que se realizou na Embaixada da Hungria.

O evento contou com discursos da Embaixadora Dra. Emília Fábíán, de Diogo Pacheco de Amorim, Vice-Presidente da Assembleia da República, e de Eleonóra Molnár, Presidente da Associação da Escola Popular da Transcarpátia.

A sessão comemorativa contou com um desfile de moda e uma exposição fotográfica que retratou o quotidiano das mulheres transcarpáticas no século XX.



Título: Rainha D. Amélia, pintora e mecenas do património histórico

Coordenação: José Alberto Ribeiro

Edição: Caleidoscópio

Páginas: 192 pp

Amélia: rainha, pintora, mecenas

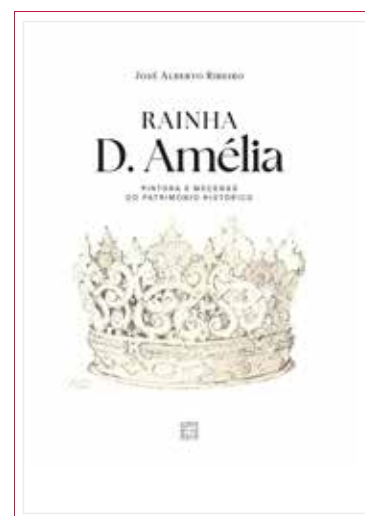
Vasco Rosa

Na introdução ao seu livro, Rainha D. Amélia, pintora e mecenas do património histórico (Caleidoscópio, 192 pp), José Alberto Ribeiro não deixa margem para dúvidas sobre o propósito deste seu trabalho: «A rainha D. Amélia é, certamente, a monarca que mais interesse tem suscitado nos últimos anos, com obras publicadas em Portugal e em França, mas nunca na sua vertente de mecenas da conservação e restauro do património e como pintora», e ainda: «menos conhecida é também a artista, como pintora apreciadora do desenho de “paisagem ao natural” e do património histórico que reúne em desenhos e aguarelas, organizando um verdadeiro museu de papel, pela recolha e classificação de objectos de arte e arquitectura, essencialmente medievais» (p. 9). Na p. 72 vemos uma fotografia de D. Amélia a desenhar nas escavações arqueológicas de Pompeia, na conhecida viagem de 1903 pelo Mediterrâneo para instrução dos príncipes - aparentemente o único registo de muitas ocasiões semelhantes, passadas em Portugal, durante as quais produziu uma expressiva obra pictórica, constituída por 383 trabalhos, entre desenhos, aguarelas, óleo e técnicas mistas.

Dez anos depois de ter participado na exposição itinerante e no livro «Tirée par ...». A Rainha D. Amélia e a fotografia, com Luís Pavão e outros (Documenta, 2016, 180 pp.), Ribeiro prossegue no digníssimo encargo de dar a conhecer melhor D. Amélia de Orléans (1865-1951), rainha portuguesa desde 1889, publicando este livro que é uma síntese da sua tese de doutoramento em História da Arte, defendida em 2024. O indisputável «amor incondicional a Portugal e aos portugueses» (dito pela rainha) tem plena confirmação nesta obra, dando alento especialmente a quantos confiam que a Monarquia é o pior dos regimes, à excepção de todos os outros...

A filha do conde de Paris nasceu em Twickenham, nos arredores de Londres, em meados de um século particularmente marcado pelo revivalismo artístico e por cuidados com o património, com a valorização das obras de arte e os monumentos antigos e o restauro de grandes palácios. A egiptomania estivera de tal modo em voga, que o Obelisco de Luxor foi erguido na Place de la Concorde, em Paris, 29 anos antes do nascimento de Amélia, cujos primeiros anos de vida coincidem com a reabilitação e restauro do Château d'Eu, na Normandia, uma das principais residências dos Orléans em França, realizada nada menos que por Viollet-le-Duc entre 1874 e 1879. Além disso, «parte

da sua infância e adolescência foi passada junto dos seus avós, duques de Montpensier, nos palácios de Sanlúcar de Barameda ou de San Telmo, em Sevilha, na Andaluzia, repletos de obras de arte e numa zona cheia de tradições que sempre apreciou e que sempre gostou de visitar» (p. 22). Em Paris, os Orléans utilizaram uma parte do palácio Matignon, actualmente a residência oficial do primeiro-ministro francês. A consequência disso foi que, «desde cedo, esta princesa com forte formação artística e consciência do valor patrimonial das obras de arte, mostrou interesse pelas artes e pela sensibilização e protecção do património histórico português, da arqueologia ao restauro de sés catedrais» (p. 23).



Havia muito por fazer, ou até, estava quase tudo por fazer. Apesar dos contributos de Almeida Garrett e de Alexandre Herculano, faltava dramaticamente uma história da arte nacional que alicerçasse campanhas de restauro, de resto tão necessárias, em particular desde a já longínqua extinção das ordens religiosas, em 1834. Nesse domínio, a memória da nacionalidade fundada a 5 de Outubro de 1143 era claramente devedora de trabalhos de estrangeiros em visita. Ainda assim, refere o autor, «com a monarquia constitucional portuguesa, iniciada por D. Maria II e o seu consorte, D. Fernando de Saxe Coburgo-Gotha, a educação para o coleccionismo, antiquariato e pelas artes seria uma constante, criando nas gerações futuras dos Bragança grandes interesses culturais e uma prática artística variada que se manteria até 1910. Podemos até estabelecer alguns paralelos entre a actuação de Fernando Filipe de Orléans e D. Fernando de Saxe Coburgo-Gotha», pelo que é «no seio desta família real, tão ligada à arte e ao coleccionismo, que D. Amélia entra por casamento com o príncipe herdeiro, D. Carlos» (pp. 46, 47), ele próprio «um dos pintores mais virtuosos da sua época» (p. 77).

José Alberto Ribeiro pôde, por isso, elencar com facilidade intervenções da Rainha da protecção das artes, dos artistas e dos ofícios tradicionais, que decorrem a par da sua filantropia social nos domínios da saúde, do ensino e da protecção das crianças — sem, contudo, as conjugar ou alinhar com os extensos trabalhos oceanográficos e ornitólogos do marido, também eles focadamente patrimoniais, de que resultarão o oceanário de Lisboa e os três álbuns Aves de Portugal com 301 estampas de Enrique

“ José Alberto Ribeiro pôde, por isso, elencar com facilidade intervenções da Rainha da protecção das artes, dos artistas e dos ofícios tradicionais, que decorrem a par da sua filantropia social nos domínios da saúde, do ensino e da protecção das crianças.

Casanova, dirigidos por D. Carlos. A intervenção pessoal da Rainha na conservação de monumentos nacionais tem a sua principal demonstração na longa campanha de restauro medievalista da Sé Velha de Coimbra, a partir de 1893 — que ela segue a par e passo e financia (desenhando-a também) —, mas a generosa mão régia também se estende em apoio a escavações arqueológicas na romana Conímbriga em 1899, cujo andamento a preocupa, e ao restauro da Sé de Lisboa, que teve início em 1902 e cujos trabalhos várias vezes visitou. Em vão protestou contra a fábrica de gás construída nas imediações da Torre de Belém: «Escrevi, pedi, supliquei aos ministros das Obras Públicas. Zanguei-me, esgotei influência, macei toda a gente, e nada!», dirá em 1938 a José Leitão de Barros em célebre entrevista.

A D. Amélia se deve o Museu dos Coches Reais, para albergar «uma colecção que sabia ser única no contexto europeu» (p. 69), decisão muito pessoal tomada em 1902 e que demonstra «uma clara preocupação de inventariar e conservar um acervo único em risco de se perder para fruição colectiva» (p. 68). Em menos de três anos conseguiu inaugurar o museu, inaugurado a 23 de Maio de 1905, reunindo «tudo o que era apanágio das cavalaria reais e que ainda fosse recuperável» (p. 71), ao mesmo tempo que a Quinta de Belém foi remodelada para servir de residência oficial a chefes de Estado em visita ao país, a partir de Setembro de 1908. E embora a visita ao Egipto com os filhos em 1903 não seja um tema directo do seu trabalho, o autor fala-nos dela precisamente para sublinhar que a Rainha, «conhecedora da ausência de consciência histórica portuguesa de artefactos de uma civilização pré-clássica tão relevante como a egípcia» (p. 74), trouxe para Portugal 453 antiguidades egípcias para serem integradas num museu nacional, um transbordo que, aliás, «acompanhou de perto».

Os capítulos IV e V têm por título «A Rainha pintora» e «Os anos de exílio. Mecenate, colecção e dispersão», abrindo portas para dois mundos, o privado e o público, em que a condição régia nunca está ausente, mesmo que a função esteja. A formação artística cedo iniciada teve em Lisboa continuação com o aperfeiçoamento do desenho e da aguarela com Enrique Casanova (1850-1913), e Ribeiro diz-nos que «a obra artística que a rainha foi desenvolvendo não era um mero exercício diletante adequado à sua posição social» (p. 84). A maioria dos desenhos, de grande detalhe, são sobretudo de igrejas e museus, o que indicia o seu impulso patrimonialista. Os Reis inauguraram o Museu de São Roque em Janeiro de 1905, mas «a rainha tinha particular gosto pelo acervo da igreja de São Roque e desenhava-o desde 1898» (p. 97). Desenhou profusamente em Alcobaça no ano 1892. Atente-se nos desenhos da pia benta de D. Leonor (p. 94) e do túmulo de D. Inês (p. 101) — ou na bela aguarela do colar que pertenceu à rainha Santa Isabel, no Museu de Coimbra (1897; p. 91). Acompanhando a vaga contemporânea de

estudos científicos, também deu atenção a motivos etnográficos. Desenhos foram feitos em Vila Viçosa, e certa vez pediu a uma bela jovem que trabalhava no balneário termal de São Pedro do Sul que fosse ao paço «vestida de camponesa com capucha para a desenhar» (pp. 95, 96). Participou em exposições com finalidades filantrópicas e afins, e os 31 desenhos que fez sobre o Paço de Sintra acabariam num livro do visconde de Sabugosa destinado a financiar a Assistência Nacional aos Tuberculosos em 1903.

No verão de 1910, preparava a edição dum álbum com 130 desenhos de arqueologia — um «museu-portátil», na feliz expressão consagrada —, resgatando «vestígios da nossa antiga opulência, que escaparam à acção destruidora do tempo, ao vandalismo e ganância dos homens» (cit. p. 113). Dois desses trabalhos seriam, muito provavelmente, a Custódia dos Jerónimos, uma aguarela sobre o ostentório cinzelado por Gil Vicente em 1506, conhecido como Custódia dos Jerónimos, e o Relicário de Vasco da Gama, obras de 1910. O golpe republicano e o exílio adiariam o projecto editorial *Mes Dessins*, que acabou por concretizar-se em 1926 e 1928, com dois livros de grande dimensão e tiragem reduzida, publicados em Paris e Londres, respectivamente, por ela custeados. O primeiro tem por título *Mes Endroits Préférés* e o segundo *Art et Archéologie*, compilando desenhos e aguarelas dos 19 anos em que foi rainha de Portugal. Arquitectura e arte sacra medieval, e também os motivos florais, perfazem mais de metade das temáticas artísticas representadas. É deveras notável — mas não surpreende — que «o produto da venda reverteria, uma vez mais, a favor da Assistência Nacional aos Tuberculosos de Portugal, obra que nunca esqueceria» (p. 153).

Para trás ficava a colecção de arte de D. Amélia, e que José Alberto Ribeiro elenca com pormenor para lhe estabelecer balizas estéticas, que são a do «gosto melancólico dos pintores seus contemporâneos», adivinhando o fim duma época e o «caminho rápido para o Abismo» (sic) que 1910 e 1914-18 confirmariam inexcedivelmente, e 1939-45 reforçaria ainda. Nos 41 anos que D. Amélia viveu depois de sair exilada de Portugal, as suas doações de obras de arte a museus e o constante gesto de filantropia não deixam dúvidas sobre o carácter e o desígnio desta bela francesa que em Junho de 1939, oferecendo ao nosso país o seu retrato por Victor Corcos (1905), escreveu: «Quis dar à Nação Portuguesa, que tanto amo, e de quem tive a honra de ser rainha, esse testemunho da minha grande ternura, e da minha constante saudade, desejando que os portugueses me recordem sempre, com o mesmo afecto que eu lhes dedico» (cit. p. 155). Com este livro, José Alberto Ribeiro e a editora Caleidoscópio retribuíram-lhe — da melhor maneira possível — para que assim seja.

“ A D. Amélia se deve o Museu dos Coches Reais, para albergar «uma colecção que sabia ser única no contexto europeu», decisão muito pessoal tomada em 1902



ESTANTE

Portugal e Inglaterra: o liberalismo e o Império. Estudos sobre a aliança luso-britânica no século XIX

de José Manuel Sardica
Ed. Tribuna da História
Preço: 20,00 €

Três estudos sobre a aliança luso-britânica no decurso do século XIX, o tempo das lutas liberais e das reconfigurações imperiais europeias, particularmente em África.



Introdução ao Liberalismo
de Miguel Morgado

Ed. Dom Quixote
Preço: 28,80 €

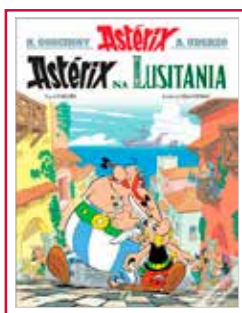
Lição de ciência política do autor de Introdução ao Conservadorismo e de O Conservadorismo do Futuro e Outros Ensaios (2017), além do estimável A Aristocracia e os Seus Críticos (2008).



Astérix na Lusitânia
de Fabcaro e Didier Conrad

Ed. LeYa
Preço: 11,50 €

A merecer a mais indisputável curiosidade, ainda que sem Goscinny (1926-77) e Uderzo (1927-2020).



E Todos Façam Perfeita Música... Novos dados sobre os músicos em Évora retirados de fontes quinhentistas

de Hugo Porto
Ed. Magma
Preço: 15,00 €

Relevante trabalho para a história da música em Portugal. Os seus grandes temas são: as instituições musicais em Évora no século XVI; as redes sociais dos músicos, em particular os violeiros, e a sua presença física na cidade; e muito em particular, os músicos no centro dos conflitos da Contra-Reforma.



Luís Mousinho de Albuquerque e o Restauro do Mosteiro da Batalha no Século XIX
de Clara Moura Soares
Ed. Scribe, bilíngue
Preço: 24,99 €



O pioneirismo do restauro do Mosteiro de Alcobaça realizado entre 1840 e 1843, contextualizado pela autora, num livro muito enriquecido pelas gravuras do arquitecto irlandês James Murphy e pelas fotografias de Carlos Relvas, Emílio Biel, Charles Thurston Thompson e Jean Laurent. Prefácio de Maria João Neto.

Olivença 1801. Portugal em guerra do Guadiana ao Paraguai
de Manuel Amaral

Ed. Tribuna da História
Preço: 22,50 €

A Guerra das Laranjas em contexto imperial, revisitada num estudo histórico, militar e político-diplomático, de Manuel Amaral (2008), agora reeditado e aumentado.



Espaços, Patrimónios e Personagens. As comendas da Ordem de Cristo nas cercanias de Tomar (séculos XV-XVI)

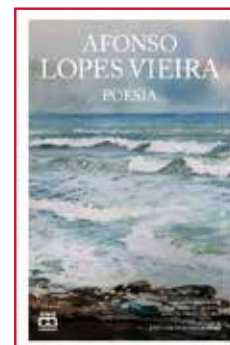
de Maria Isabel Carvalho Homem.
Ed. Livros Horizonte
Preço: 18,00 €

A região do Médio Tejo tal como existiu no período áureo da Ordem Cristo, num estudo antroponímico e toponímico todo ele baseado em «papéis velhos» de arquivo, mas que é também um retrato de geografia física e humana.



Poesia
de Afonso Lopes Vieira
Ed. E-Primatur
Preço: 24,90 €

Organizado por José Manuel Quintas e Manuel Vieira da Cruz (um ex-editor), esta compilação da obra poética do «trovador de Portugal», como lhe chama José Carlos Seabra Pereira no extenso ensaio crítico final, é um acontecimento cultural de grande valia, resgatando uma figura quase esquecida, falecida em 1946, porém tão marcante no seu tempo.





INTENSAMENTE INGLESA DELICIOSAMENTE DISTINTA

EXPERIMENTE!



NÍVEL DE INTENSIDADE



HOT & ENGLISH SINCE 1814